

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
PÓS – GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

DJALMA BARBOZA ENES FILHO

**LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: A POESIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Rio Branco – Acre  
2015

DJALMA BARBOZA ENES FILHO

**LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: A POESIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Acre para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisela Maria de Lima Braga Penha

Rio Branco – Acre  
2015

**FICHA CATALOGRÁFICA (completar após defesa)**

Cutter Enes Filho, Djalma Barboza.

Leitura Literária na Escola: A Poesia no Ensino Fundamental/  
Djalma Barboza Enes Filho. Rio Branco, 2015.

102f.

Dissertação de mestrado (Mestrado Profissional em Letras)  
Universidade Federal do Acre – UFAC

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisela Maria de Lima Braga Penha

CDU -

DJALMA BARBOZA ENES FILHO

**LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: A POESIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Acre para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisela Maria de Lima Braga Penha  
Universidade Federal do Acre – UFAC

---

Prof. Dr. João Carlos de Souza Ribeiro  
Universidade Federal do Acre – UFAC

---

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira  
Universidade Nacional de Brasília – UNB

*Ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, que, por seu infinito amor, deu-me forças e sabedoria para concluir este trabalho. E à minha família, que foi muito compreensiva nos momentos de ausência.*

**DEDICO**

## AGRADECIMENTOS

*Ao Senhor Deus Todo Poderoso, fonte inesgotável de conhecimento, que me deu condições e me acompanhou durante toda a trajetória de viagens, estudos e construção deste trabalho. A Ele seja toda a honra e toda a glória pelos séculos dos séculos.*

*À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisela Maria de Lima Braga Penha, pela simplicidade, competência profissional, pelos diálogos francos e excelentes sugestões, pela paciência, dedicação e presença ativa, nos momentos necessários, fazendo-se de fato verdadeira orientadora.*

*Aos membros da banca examinadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisela Maria de Lima Braga Penha, Prof. Dr. João Carlos de Souza Ribeiro e Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira, pelas sugestões e contribuições.*

*Aos professores do Mestrado Profissional em Letras, pela valiosa e significativa contribuição durante as aulas.*

*À minha esposa, Maria José de Oliveira da Silva Enes, pela paciência e compreensão nos momentos de ausência, e porque sei que, em suas orações, colocava-me aos pés de Deus e pedia que Ele me protegesse.*

*Aos meus filhos, Larissa Oliveira Enes, Lárysson Oliveira Enes e Álysson Oliveira Enes, que souberam compreender os momentos “roubados” de suas presenças.*

*À minha mãe, Jurandir Sampaio Enes, guerreira destemida, que soube com carinho, amor, dedicação, paciência e muita bravura, criar e educar seus filhos, em meio a tantas dificuldades.*

*A todos os meus familiares, principalmente, meus irmãos e irmãs, pelos momentos de alegria e muitas dificuldades que passamos juntos, durante a convivência em família.*

*Ao casal de amigos e irmãos, Maria de Nazaré Oliveira Maia e Claudomir Alves Maia, e suas filhas, Maria Cristina e Ana Gabriela, pela acolhida carinhosa em sua residência.*

*Aos colegas de mestrado, pelos momentos de angústias, desabafos, alegrias, companheirismo e conhecimentos compartilhados.*

*À UFAC e ao Programa de Pós-Graduação em Letras, na pessoa da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lindinalva Messias do Nascimento Chaves, Coordenadora do Mestrado Profissional em Letras.*

*E a todos os demais que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho.*

## RESUMO

A poesia vem, ao longo dos anos, ocupando menos espaço na sala de aula, principalmente no Ensino Fundamental. Não só a poesia, mas a própria literatura vem perdendo espaço em nossas escolas, não sendo dada a importância que ela merece, talvez pelo fato de não se conhecerem suas reais contribuições para a vida humana. Pretende, também, fazer uma reflexão sobre como vem sendo trabalhada a leitura literária e como a escola e os professores concebem o ensino da literatura, compreendendo por ensino da literatura, o texto literário trabalhado na perspectiva do letramento literário. Objetiva, também, realizar uma reflexão acerca da natureza e das funções da literatura como meio de aquisição de conhecimento e direito inalienável do ser humano. Para tanto, será fundamentada nas teorias de Antonio Candido, Roland Barthes, Hans Robert Jauss, e de estudiosos como Rildo Cosson, Regina Zilberman, Elvira Gebara, entre outros. Será apresentada, também, uma proposta de leitura, análise e interpretação de textos literários diferente das que são propostas pelos livros didáticos, na tentativa de aproximar o leitor do texto literário e despertar-lhe o gosto pela literatura e pela leitura em geral, com o intuito de contribuir com o processo de letramento literário, no Ensino Fundamental e, consequentemente, com o trabalho do professor, na sala de aula.

**Palavras-chave:** Poesia. Escola. Literatura. Letramento. Literário.



## ABSTRACT

Poetry has, over the years, occupying less space in the classroom, especially in elementary school. Not only poetry, but literature itself has been losing ground in our schools, not being given the importance it deserves, perhaps because of not knowing their real contributions to human life. It also intends to reflect on as it has been crafted literary reading and how the school and the teachers conceive the teaching of literature, comprising for teaching of literature, the literary text worked from the perspective of literary literacy. It also aims at performing a reflection on the nature and functions of literature as a means of acquiring knowledge and inalienable human right. To do so, it will be based on the theories of Antonio Candido, Roland Barthes, Hans Robert Jauss, and scholars as Rildo Cosson, Regina Zilberman, Elvira Gebara, among others. It will be presented also a proposal for reading, analysis and interpretation of literary texts different from those proposed by textbooks in an attempt to approach the literary text reader and wake up his taste for literature and reading in general, with the To contribute to the process of literary literacy in primary and, consequently, the work of teachers in the classroom.

**Keywords:** Poetry. School. Literature. Literacy. Literary.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 O ENSINO DE POESIA.....</b>	<b>16</b>
1.1 Poema x Poesia.....	17
1.2 A Importância da Poesia na Escola.....	19
1.3 Os Benefícios da Poesia em Sala de Aula.....	27
<b>2 A LITERATURA NA ESCOLA.....</b>	<b>32</b>
2.1 Letramento Literário: a Leitura Literária na Escola.....	33
2.2 O Valor da Literatura, suas Concepções e Funções.....	39
2.3 Recepção Literária: interação entre Texto e Leitor.....	47
2.4 Leitura para Fruição – Prazer e Aquisição de Conhecimento.....	56
<b>3 UMA NOVA ABORDAGEM DO TEXTO LITERÁRIO.....</b>	<b>61</b>
3.1 O Professor como Mediador entre Texto Literário e Leitor.....	62
3.2 A Abordagem do Texto Literário na Sala de Aula.....	73
3.2.1 Proposta de Atividade para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.....	79
3.2.2 Proposta de Atividade para os Anos Finais do Ensino Fundamental.....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO – Caderno de Orientações Teórico-Methodológicas para Abordagem do Texto Literário</b>	

## INTRODUÇÃO

A Escola, como uma instituição responsável pela formação de cidadãos conscientes, precisa ser um espaço favorável ao trabalho com a literatura, no qual os alunos tenham acesso ao conhecimento e ao lúdico por meio de palavras, sentidos e formas diversas, que são proporcionados pelo texto poético. A poesia tem grande importância no auxílio da formação crítico-reflexiva do aluno porque possibilita uma grande variedade de sentimentos, que levam a reflexões sobre as diversas áreas do conhecimento social e da cultura da Humanidade. Ela transporta o aluno a mundos diferentes, onde ele poderá encontrar a liberdade de criação e expressão, de fantasia e imaginação, e os envolve em discursos diversos e ideologias diferenciadas, que estão implícitas no texto poético.

A instituição escolar deveria ser o local, por excelência, para o desenvolvimento da criatividade, a fim de que o aluno possa colocar em prática sua capacidade criadora, seu pensamento e várias formas de expressão e arte. Entretanto, na maioria das vezes, a escola tem sido um ambiente opressor, que abafa o desenvolvimento da criatividade e da imaginação dos alunos, pois o sistema de ensino não parece preocupado em estimular a capacidade criadora do aluno, mas em apresentar números, que demonstram uma qualidade no mínimo suspeita.

Entretanto, é papel da escola proporcionar aos alunos um espaço que tenha uma linguagem cheia de magia e encantamento que permita um relacionamento íntimo entre a razão e o sentimento imaginativo, que tenha uma relação mais encantadora com a palavra, com a poesia. Para que a escola seja este espaço de encantamento, é primordial que os professores gostem de poesia; não só de poesia, mas que sejam leitores competentes. Para tanto, a linguagem poética é essencial, tendo em vista que auxilia na formação do leitor.

É preciso, também, que a escola rompa com o preconceito em relação à poesia, que se mude essa visão errônea de que trabalhar com a poesia seja perda de tempo. A poesia, como todos os outros textos literários, deve estar presente na escola, pois pode oferecer conhecimentos humanos, que devem ser ponderados. Não se pode mais fugir desta realidade. A escola vem se eximindo desta responsabilidade durante muito tempo, mas precisa enfrentar esta tarefa de frente e inserir de fato a Literatura em todos os níveis de ensino, principalmente no Ensino Fundamental, onde está praticamente esquecida.

A proposta deste texto é levar para a sala de aula a magia das aulas de literatura, que está sendo esquecida e resgatar um pouco do encanto, que é trabalhar com poema em sala de aula, fazendo com que os alunos tenham uma relação individualizada com a poesia e recusem

aqueles exercícios de deformação da estrutura do poema e, também, dos questionários para “interpretação”, que muitos livros didáticos insistem em colocar logo após os textos literários. Para tanto, serão apresentados e discutidos: a relação poema e poesia; a importância da poesia na escola; os benefícios da poesia em sala de aula; a leitura literária na escola na perspectiva do letramento literário; o valor da literatura, suas concepções e funções; a interação entre texto e leitor; leitura para fruição, prazer e aquisição de conhecimento; o professor como mediador entre texto literário e leitor; e a abordagem do texto literário em sala de aula. Além disso, será apresentada uma proposta inovadora de análise e interpretação de texto literário.

Para apresentar estes aspectos, o texto foi dividido em três capítulos. No primeiro será realizada uma reflexão acerca do ensino de poesia, na qual será discutida a relação entre poema e poesia. Neste item é esclarecido que estas duas palavras têm causado confusão pelo fato de serem usadas como se tivessem o mesmo significado e como se fossem sinônimos perfeitos. Ainda que os dois conceitos tendam a coincidir, apresentando uma relação, evidencia-se que existe uma diferença.

A finalidade desta discussão inicial não é explicar categoricamente essa relação entre poema e poesia, mas fazer uma reflexão sobre a semelhança e a divergência existente entre ambas para depois sugerir um caminho para o importante trabalho com poesia em sala de aula. É evidente que este é um tema bastante complexo, que tem servido de estudo durante muito tempo, porém é essencial fazer esta distinção para a construção de uma proposta pedagógica para o ensino de poesia na escola.

Octavio Paz embasa esse texto e conceitua a poesia como conhecimento capaz de modificar o mundo, pois é um método de libertação da Humanidade. Para ele a poesia não está apenas no poema, mas pode, também, ser contemplada em paisagens, músicas, pinturas etc, caracterizando-se como algo amplo, que engloba várias outras formas de expressão, além da escrita do poema.

Em seguida, será explanada a importância da poesia na escola, porém, antes de se falar sobre a importância da poesia, é explicitada a importância da Literatura na escola. Esse reconhecimento é feito porque ela tem sido desprezada por não ser considerada tão importante quanto as outras áreas da estrutura curricular. Contudo, não se pode negar a grande quantidade de conhecimentos que a literatura pode transmitir para a Humanidade.

Ainda, neste capítulo, a literatura é apresentada como uma ciência que atua como instrumento de educação, de formação do Homem, que comporta a criação de novos mundos, assumindo algumas funções, que atuam diretamente no homem; a principal delas está voltada para sua formação humana. Para Antonio Candido, a literatura deve ser incorporada à categoria

de bens a que todos os seres humanos têm direito a usufruir, pois colabora, significativamente, para a formação intelectual do Homem e contribui para o seu bem-estar psicológico.

No final deste capítulo são discutidos os benefícios da poesia em sala de aula. E novamente se evidencia que, para que se percebam os benefícios da poesia em sala de aula, é preciso que seja feito, primeiro, um processo de reconhecimento da importância da Literatura para o ser humano e reconhecer, também, seus benefícios para a sociedade. Fica evidente, também, que é preciso que se realize um processo de “escolarização” da literatura, mas escolarizar a literatura não é apenas levá-la para a escola.

Para que os benefícios da poesia possam ser percebidos pela escola e pela sociedade é preciso que haja uma mudança na forma de abordagem da Literatura, no cotidiano escolar, o qual está descaracterizando e nega sua função social. É preciso que a escola reconheça o valor da literatura para a vida de seus alunos e, na sala de aula, a leitura de poesia torne-se um hábito.

Antonio Candido constitui alicerce deste capítulo por ser considerado o expoente de uma linha de pensamento que concebe a Literatura como a transformação de uma dada realidade, cujo distanciamento produzido pelo efeito estético permite ao indivíduo melhor atuação no meio social.

O segundo capítulo apresenta uma discussão sobre a Literatura na escola. Um aspecto bastante importante, desse capítulo, é a leitura literária na escola, que é apresentada sob a perspectiva do letramento literário. A leitura literária é considerada, como um processo de comunicação, que demanda respostas do leitor em relação ao texto literário, no qual o leitor pode manipular o texto de diferentes maneiras e explorá-lo sob os mais variados aspectos: cognitivos, afetivos, estéticos e sociais.

A discussão está pautada na eficiência da leitura literária na escola, que, pelo que tudo indica, não tem sido muito eficiente, pois o trabalho com o texto literário está limitado apenas a questões puramente pragmáticas, desconsiderando as principais características e função social desse tipo de texto. Dessa maneira, é possível perceber que, na maioria das escolas, a leitura literária não ocorre da maneira adequada, pois, como está sendo realizada na sala de aula, não possibilita uma verdadeira relação dialógica entre o leitor e o texto.

A forma de apresentação da leitura literária na escola afasta, cada vez mais, o leitor da leitura do texto literário, o que dificulta o processo de letramento literário. Segundo Rildo Cosson, o letramento literário na escola se diferencia da leitura literária. No letramento literário, o foco não está somente na aquisição de habilidades de leitura de textos literários, mas no aprendizado da compreensão e da ressignificação desses textos, por meio da relação leitor-texto, na qual o leitor faz um intercâmbio de conhecimentos e sentimentos com a obra escrita.

Após esta discussão, é discutido e apresentado sobre a ótica de autores como Roland Barthes, Antonio Candido, Hans Robert Jauss, o valor da Literatura, suas concepções e funções. Nesse texto é realizada uma reflexão acerca do que é Literatura, levando em consideração seu conceito, seu valor e sua função social. Isso, para que se possa contribuir com o fortalecimento da Literatura na escola e oferecer seus benefícios aos alunos com o objetivo de formar leitores competentes, tentando esclarecer o que é literatura e mostrar como podemos fazer seu uso social. Seu conceito não é apresentado de maneira restrita, mas de forma ampla e abrangente como lhe é peculiar.

A concepção de literatura de Antonio Candido manifesta uma necessidade universal que precisa ser satisfeita. Para o autor, não seria possível e nem suportável viver sem o equilíbrio social que ela proporciona. Ele considera que sua satisfação constitui um direito do qual o ser humano não pode abrir mão, sendo um bem de valor inestimável e um direito inegociável.

Para Roland Barthes, a literatura é a utilização da linguagem não submetida a nenhum tipo de poder, uma linguagem livre, sem opressão. Isso significa que a linguagem literária não precisa de regras de estruturação fixa, já que pode se fazer compreender por si só sem que esteja presa a algum tipo de preceito que a normalize. Esse autor confere tanto poder à Literatura, que afirma que esta ciência assume muitos saberes presentes em outros campos do conhecimento.

O texto, para Roland Barthes, é o meio pelo qual a língua se manifesta, sendo assim o ambiente ideal para se travar o combate contra o poder que a linguagem manifesta. Evidencia-se, assim, que a forma como o texto literário está organizado se constitui no único meio pelo qual se pode ludibriar a língua, aproximando ao oposto do poder, que seria a liberdade de expressão.

Na concepção de Hans Robert Jauss, a Literatura também pode ser compreendida como forma de expressão artística, cujo valor estético é formado por um uso especial da linguagem. Sendo assim, o leitor, de posse do objeto de leitura, tem a possibilidade e a capacidade de construir significados a partir de seus próprios objetivos, construídos e alicerçados em sua história de vida.

A recepção literária também é relevante, neste capítulo, pois enfatiza a importância da interação entre texto e leitor. A *Teoria da estética da recepção*, de Hans Robert Jauss, contribui para a compreensão do processo de recepção de textos literários, pelos leitores. As pesquisas de Regina Zilberman também colaboram com importantes considerações.

Jauss introduz na literatura um novo conceito de historicidade literária. Ele enfatiza a necessidade de se restaurar o processo dinâmico entre texto e leitor, valorizando a experiência humana e a comunicação como condição da compreensão do sentido. Para ele, estudar literatura

não é apenas estudar a vida e a obra de autores, como vem acontecendo em nossas escolas, mas é inserir a obra na história a partir da recepção que o leitor tem desta obra. Isso confirma que o leitor pode se tornar um coprodutor da obra já escrita pelo autor. Para Hans Robert Jauss, o valor estético de uma obra surge a partir do pressuposto de que a obra provoca uma percepção estética no leitor.

O final do capítulo dois faz referência à leitura para fruição. As discussões assinalam que essa leitura pode proporcionar prazer, pois transmite emoções e provoca uma sensação de que ler é um processo livre e natural, que traz liberdade de escolha e expressão ao indivíduo. É visto que o texto literário, além de várias outras funções, tem como uma das finalidades proporcionar este prazer e é essencial para que os alunos tomem gosto pela leitura, pois é emocionante e surpreendente.

A leitura para fruição contribui para a formação do leitor criativo e reflexivo, pois abre os horizontes ilimitados da literatura, proporcionando várias interpretações do mundo. Este tipo de leitura é importante também porque fornece, como nenhum outro tipo de leitura, os instrumentos necessários para que o leitor possa conhecer e interagir de forma competente com o mundo da linguagem.

O terceiro capítulo traz a metodologia desse texto e sugere uma nova abordagem para o texto literário. Nele é explicitada a maneira como essa pesquisa se desenvolve. Apresenta, ainda, a forma de abordagem que se propõe para o texto literário, especialmente para a poesia. Busca essa abordagem, fundamentada na concepção de autores renomados como Antonio Candido, Roland Barthes e Octavio Paz, além de Hans Robert Jauss com sua *Teoria estética da recepção*, uma alternativa para apresentação da literatura aos alunos, aproximando textos e leitores, considerando a Literatura como linguagem artística, enfatizando o texto literário como um campo do jogo, e evidenciando o poema como um texto capaz de proporcionar o prazer e, ao mesmo tempo, o conhecimento.

Neste trabalho, estabelece-se uma relação clara do texto literário com o leitor. Para isso é preciso que se proponha uma nova abordagem do texto literário, que seja capaz de suscitar no aluno as reais funções que a literatura é capaz de propiciar. Para esta finalidade, leva-se em consideração as concepções de leitura, literatura e leitor, ancorados em pesquisadores, que elaboram conceitos e debatem sobre a importância da leitura e sua socialização e, também, sobre a atuação do texto literário no imaginário e na vida dos indivíduos.

No final deste texto apresentamos duas propostas de trabalho com o texto literário na escola, uma para os anos iniciais e outra para os anos finais do Ensino Fundamental. Nelas, expomos um roteiro da proposta metodológica que sugerimos que seja aplicada, em sala de

aula, pelos professores. Na proposta, se mostra, na prática, como é feita a execução deste roteiro, utilizando, duas atividades com poemas, como sugestão.

Além disso, apresentamos, como anexo deste texto, um caderno de orientações teórico-metodológicas para abordagem do texto literário, como produto final deste trabalho. Sua principal finalidade é que se trabalhe com o aluno de forma mais “livre”, mais lúdica e menos escolarizada, por meio da análise do texto literário, levando o aluno a realizar leituras críticas sem que seja preciso fazer exercícios, muitas vezes, desmotivadores que, geralmente, são utilizados pela escola, orientados pelos livros didáticos. Além do mais, pretendemos levar os alunos a descobrirem os sentidos de um texto, mostrando que não existe uma única interpretação, e sem pensar que o professor é o único que conhece a “interpretação correta”.

Espera-se que este texto seja útil para os professores do Ensino Fundamental, no sentido de que possa ser mais um instrumento para auxiliar o trabalho docente com a literatura, apresentando uma proposta, que possa levar os alunos a conhecerem as reais funções da Literatura e da poesia para suas vidas, e que estimule os professores a trabalharem de maneira inovadora e lúdica a prática da leitura literária, de forma que contribua para a promoção do processo de letramento literário.



## 1 O ENSINO DE POESIA

A prática de leitura de poesia no Brasil é antiga, mas pouco divulgada. Ela está em “extinção” em nossas salas de aula, pois, mesmo sabendo da importância da poesia, muitas escolas esqueceram-na, principalmente no Ensino Fundamental, restringindo-se a trabalhar com os textos em prosa, privando os alunos dessa formidável experiência, que é a leitura de um poema. De maneira geral, observamos resistência na escola em ler e interpretar poemas.

A principal alegação para não se dar a devida importância à poesia é a de que é um gênero de difícil compreensão e complicado de se trabalhar, especialmente com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Contudo, é possível romper com o preconceito de que é difícil trabalhar com poesia. Assim, este texto almeja estimular os professores a incentivarem os alunos a entrar nesse mundo tão especial da literatura e, com isso, contribuir para a “formação do leitor”. Para isso, os professores precisam compreender a necessidade, principalmente no Ensino Fundamental, de trabalharem com poesia na sala de aula ou fora dela, pois o aluno tem maior possibilidade de criar hábito se for iniciado desde cedo.

A pretensão é fazer algumas reflexões acerca da importância da literatura e os motivos para se trabalhar a poesia na escola e, ainda, ressaltar seus benefícios em sala de aula. Para isso, serão apresentadas algumas ponderações sobre o porquê trabalhar este gênero, que anda meio esquecido em nossas escolas, com o intuito de despertar nos alunos o gosto pela poesia, e pela Literatura, em geral. Além de tentar desenvolver o hábito da leitura de poesia em sala de aula, a intenção é, também, contribuir para a formação do aluno leitor por meio de propostas de abordagem de textos literários, ampliando a prática de leitura dos alunos e sua socialização com o mundo letrado.

A Literatura precisa ser internalizada nas crianças, com intenção de deleite e ludicidade, a fim de que o aluno perceba que ler é uma prática surpreendente e não apenas mais uma das atividades da escola. Para isso, é necessário encontrar formas de familiarizar e de aproximar os alunos da literatura a fim de tentar resgatar um pouco dessa magia, desse poder que a poesia e a literatura possuem de cativar o leitor.

A causa de se trabalhar com a poesia em sala de aula é a de incitar a criatividade, a oralidade e a imaginação do aluno. O contato frequente com a poesia pode propiciar o prazer e o gosto pela leitura do texto poético. Além do mais, a leitura de poesia pode auxiliar o aluno no desenvolvimento de uma percepção apurada da realidade, aprimorando a familiaridade com uma linguagem mais rebuscada, que a literatura possui, enriquecendo a sensibilidade e formando leitores competentes.

## 1.1 Poema x Poesia

A finalidade desse texto não é explicar, categoricamente, a similaridade ou diferença entre poema e poesia, mas fazer uma reflexão sobre a relação existente entre ambos para depois propor um caminho para o importante e indispensável trabalho com poesia em sala de aula. É evidente que este é um tema bastante complexo, pois tem servido de estudo durante muito tempo, porém, é essencial fazer esta distinção para a construção de uma proposta pedagógica para o ensino de poesia e poema na escola, e que sirva, também, para se trabalhar com outros textos literários.

O uso frequente destas duas palavras tem causado confusão, pois elas têm sido usadas como se ambas tivessem o mesmo significado e, por isso, causa a impressão de que são sinônimos apropriados. Ainda que os dois conceitos tendam a coincidir, há uma diferença. Logo, se faz necessário ressaltar a diferença entre poema e poesia, uma vez que, embora sejam tratadas por muitos como sinônimos, o uso dos dois termos entre os estudiosos apresenta algumas diferenças.

Para Octavio Paz, a poesia é conhecimento capaz de modificar o mundo, pois é um método de libertação da Humanidade. Dessa maneira, a poesia não está apenas no poema, mas pode também encontrar-se em paisagens, músicas, pinturas, entre outras possibilidades. Sendo assim, é algo bem amplo, que engloba várias outras formas de expressão, além da escrita.

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. (PAZ, 1982, p. 15).

Poesia é uma substância incorpórea capaz de se apresentar por meio de um texto com capacidades para suscitar sentimentos no leitor. É algo que emociona, toca com sensibilidade e provoca emoções por meio da linguagem. A poesia emociona através de uma forma de linguagem e possibilita uma revolução na natureza humana.

Neste sentido, a poesia possui uma linguagem subjetiva, tem um aspecto impalpável, transmite emoção ao ser humano, desencadeia um ritmo melódico, às vezes, agradável aos ouvidos com capacidade de produzir paz espiritual ou revolta interior. A poesia em sua essência não pode ser definida; seu principal objetivo é o de causar emoção por meio de uma linguagem diferente, a linguagem poética que toca a cada um de maneira singular.

O poema, por sua vez, usa apenas as palavras, mas, também, é uma forma de poesia. Contudo, tradicionalmente é dito que tanto o poema quanto a poesia são textos literários construídos em versos.

Um poema é uma obra. [...] O poético é a poesia em estado amorfo; o poema é criação, poesia que se ergue. [...] O poema não é a forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem. O poema é um organismo verbal que contém, suscita ou omite poesia. (PAZ, 1982, p. 17).

Poema é o conteúdo formal. O trabalho elaborado e estruturado em versos e estrofes. Ele se destaca imediatamente pelo modo como se dispõe na página. Cada verso tem um ritmo específico e ocupa uma linha. O conjunto de versos forma uma estrofe, às vezes, com rimas. A organização do poema em versos pode ser considerada o traço distintivo mais claro entre o poema e a prosa. No poema há poesia. Entretanto, “[...] nem todo poema – ou, para sermos exatos, nem toda obra construída sob as leis da métrica – contém poesia”. (PAZ, 1982, p. 16).

O poema pode ser considerado um texto com característica literária poética, no qual pode abordar vários conteúdos e apresentar diversos conhecimentos. É construído em forma de versos e estrofes, possuindo ou não rimas, métricas e ritmo, apresentando uma aparência concreta, visível. Porém, só terá poesia se houver linguagem poética em sua composição.

Por ser criado sob as leis da métrica, o poema possui uma existência concreta, já a poesia, por ter uma existência imaterial, não é palpável. O poema tem existência por si mesmo, ao alcance do leitor, mas a poesia não, ela depende de outro ser para existir, o que não precisa necessariamente ser por meio do poema.

Apesar de apresentarem estas diferenças, poema e poesia também têm muita coisa em comum. Ambos podem emocionar, divertir, refletir e fazer o Homem ver o mundo de forma diferente, inédita e privilegiada. Juntos, podem encantar ou chocar os leitores por meio dessa excepcional arte de escrever poesia em poemas.

Para o professor desempenhar um trabalho eficiente em sala de aula, além de compreender que há diferenças e semelhanças entre poesia e poema, é preciso, também, auxiliar os alunos a interpretar e compreender a linguagem poética presente nos poemas. O professor deve fazer um trabalho constante com este gênero literário, sempre levando poemas de autores diversos para a sala de aula, a fim de que os alunos se familiarizem com a poesia.

É preciso que o professor leia, interprete e estimule os alunos a recitar para que eles percebam que tão agradável quanto ler é ouvir poemas sendo declamados. É preciso, também, mostrar aos alunos que eles possuem características próprias como ritmo, jogo com a

sonoridade das palavras, rimas simples e ricas, formas singulares em sua estrutura. Além disso, mostrar também que eles trazem imagens e palavras em sentido conotativo, causando vários efeitos, tornando-os mais ricos e abrindo possibilidades para várias interpretações, ou seja, são plurissignificativos.

Além de poder ser identificada pelo ouvido, uma poesia pode ser identificada também pelos olhos, por meio da maneira como o poema é disposto no papel. Muitos apresentam uma forma tão especial, que criam uma imagem visível e concreta do que o poeta quer expressar, fornecendo ao leitor uma imagem que lhe dá uma opinião antecipada do que será lido.

## **1.2 A importância da Poesia na Escola**

Para se refletir sobre a importância da poesia é necessário que se reconheça primeiro a importância da literatura na escola. Ela tem sido desprezada em benefício de outras disciplinas por não ser considerada tão importante quanto outras ciências. No entanto, é evidenciada por diversos estudiosos a grande quantidade de conhecimentos que ela pode transmitir para a Humanidade. Roland Barthes confirma a infinidade de conhecimentos humanos e científicos, que podem ser construídos e transmitidos por meio da Literatura:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusóé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura) [...] todas as ciências estão presentes no monumento literário [...] a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. (BARTHES, 2013, p. 18-19).

A Literatura tem como uma de suas funções a representação do Real, feita de um modo peculiar, pois o Real não pode ser inteiramente representado de modo linear, por ser pluridimensional. Neste sentido, Roland Barthes (2013) afirma que a literatura é utópica, pois permite a criação de novas realidades, conferindo às palavras uma verdadeira heteronímia das coisas. Essa heteronímia pode ser compreendida quando se compreende que a linguagem é livre para atribuir novos significados às palavras.

Antonio Candido constrói o seu conceito de literatura, considerando essa função de representação da realidade.

A arte e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 2000, p. 53).

O indispensável elemento de manipulação técnica, a qual Candido se refere é a linguagem, classificada por Roland Barthes (2013), como a linguagem literária que estabelece uma nova ordem para as coisas representadas. Esta nova ordem alimenta uma união com a realidade. Dessa forma, a Literatura comporta a criação de novos mundos, assumindo algumas funções, que atuam diretamente no Homem. A principal delas está voltada para sua formação humana, que Antonio Candido denomina de função humanizadora da Literatura.

Segundo Candido (2002), essa função acontece por meio da ligação com o Real. A Literatura atua como instrumento de educação, de formação do Homem, uma vez que exprime realidades que a ideologia dominante tenta esconder:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa com ela. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe. (CANDIDO, 2002, p. 83-84).

É perceptível que a capacidade da Literatura de atuar na formação do indivíduo, através da fruição da arte literária, não interessa à pedagogia oficial. Isso se deve ao fato de que, por meio da Literatura, o indivíduo reconhece melhor a sua realidade quando compara a realidade de um texto às suas próprias experiências pessoais e sociais. Nessa comparação, o leitor incorpora alguns valores, que o auxiliarão no seu processo de formação, isso poderá contribuir, significativamente, para o distanciamento da alienação social.

Nessa perspectiva, Antonio Candido afirma que “a literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. (1995, p. 176). Assim, se ela colabora expressivamente para a formação intelectual do Homem e, conseqüentemente, contribui para o seu bem-estar psicológico, segundo Antonio Candido, ela deve ser incorporada à categoria de bens a que todos os seres humanos têm direito a usufruir.

Assim sendo, é preciso que a sociedade reconheça que possui este direito e o faça valer, por meio de um grande esforço, para que o indivíduo menos privilegiado também seja contemplado com o acesso à literatura e à arte em geral. Contudo, esse direito só se realizará se for concedida à Literatura sua devida importância, através da prática da leitura, análise e reflexão de textos literários.

Concebida a literatura como instrumento de educação e formadora do Homem, compreendemos que sua importância está na evidência de que o texto literário atua, ativamente, no interior da alma humana, pois, segundo Candido (1995), o texto literário atua em grande parte no inconsciente e no subconsciente do Homem. “Assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 1995, p. 175).

Desse modo, por ser de fundamental importância para a vida humana, a Literatura precisa ser presença constante nas escolas. Entretanto, esta presença não pode ser imposta, sob pena de não cumprir seu papel social. Uma das melhores maneiras de inseri-la no cotidiano escolar, de maneira prazerosa e espontânea, é por meio da poesia, pois a poesia nasceu para encantar, assim como a própria Literatura.

A poesia está presente em nosso cotidiano, e essa linguagem poética é cada vez mais necessária à vivência humana por ser uma das mais representativas formas de arte. O convencionalismo que atinge a escola nutre no professor certo desinteresse e constrangimento ou culpa por ocupar suas aulas com a leitura de textos poéticos. Provavelmente, a atitude do professor se deva à falta de conhecimento das possibilidades de utilização da Literatura, através da poesia. Conforme Carlos Drummond de Andrade, a escola deveria ser uma facilitadora do processo, que eleva a importância de um ensino voltado para a criatividade.

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo [...]. O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética. (DRUMMOND apud AVERBUCK, 1988, p. 66-67).

A importância de trabalhar com a poesia advém do fato dessa ser pouco difundida na escola, principalmente nos anos iniciais, provocando, assim, uma grande deficiência nos anos posteriores, que continuam sem estudá-la na sala de aula e reduzindo a Literatura a textos em

prosa, retirando a poesia da lista dos textos ensinados nas escolas. Percebe-se assim, uma supervalorização da prosa literária em detrimento da poesia.

Contudo, a poesia, além de ser uma linguagem bem atual, pode ser utilizada para a formação de cidadãos críticos, podendo ser contemplada durante toda vida do aluno, não apenas durante sua vida escolar, mas em sua vida social, também. Poesia, assim, é compreendida como linguagem na sua carga máxima de significado e de reflexão, poesia que tem função social, poesia de caráter humanizador, capaz de mudar o mundo. E para tudo isso é necessário que haja o contato constante do aluno com este gênero literário na escola.

Este contato com a linguagem poética serve para instigar os alunos e educadores a criarem e desenvolverem bons hábitos de leitura para que, dessa maneira, sejam capazes de se apresentarem da maneira mais eficaz possível junto aos discursos diversos e variados que o cercam na sociedade na qual estão inseridos, pois os poemas revelam representações, conexões, manifestações das mais variadas formas, que encontramos na sociedade.

Gebara (2011) em seu texto, *Reflexões sobre o ensino de poesia*, destaca a importância da poesia na escola e aponta dois caminhos para iniciar este trabalho em sala de aula.

O primeiro caminho é o da fruição, ou seja, depois de tanto trabalho com o poema, precisamos recuperar a gratuidade da presença desses textos em sala simplesmente porque fazem parte da nossa cultura e são experiências variadas que o aluno precisa ter, para construir, pela interferência dessa presença, a sua leitura interpretativa, acompanhada de um gosto pessoal. O segundo é o da percepção que cada professor constrói e pode ser condensado em três questões: Os alunos são poetas para vocês? Os alunos são autores para vocês? Vocês são leitores dos seus alunos?

O professor precisa desenvolver meios, que proporcionem aos alunos o contato com a literatura e que seja, por meio de textos que levem ao exercício crítico. Para isso, é necessário apresentar a literatura aos alunos de forma que se rompa com preconceitos, que quebre barreiras e derrube a rejeição das pessoas por literatura de maneira geral e por poesia, especificamente. A poesia precisa ser demonstrada de forma que proporcione momentos de lazer e diversão, pois os prazeres da leitura são múltiplos e devem ser compartilhados para que mais pessoas possam sentir-se em um mundo de sonhos sem fim como em um caminho sem volta, onde o passaporte é a leitura, que permite a socialização do aluno com o mundo letrado por meio do letramento literário.

O processo de letramento literário, segundo Cosson (2014), é diferente da leitura literária por fruição, mas são interdependentes. Para ele, a literatura deve ser ensinada na escola:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2014, p. 23)

Por ter a função maior de tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas, é que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas (COSSON, 2014, p. 17). Nesse sentido, a discussão e a promoção do letramento literário são oportunidades e, ao mesmo tempo, desafios no efetivo ensino e aprendizagem da Literatura.

Para Rildo Cosson (2014) a leitura é construída a partir dos mecanismos que a escola desenvolve para a proficiência da leitura literária. Assim, a escola tem papel singular nesse processo, visto ser ela a principal responsável pela formação e consolidação de alunos leitores, a fim de que sejam críticos e cidadãos atuantes na sociedade em que vivem.

Dessa maneira, para que consigamos promover, de fato, a leitura literária na escola é preciso deixar de supervalorizar a prosa literária, que ocupou espaços, que antes eram destinados à poesia, e isso se deve à forma como a poesia é trabalhada nas escolas sem o devido valor que ela merece. Para que se possa iniciar a retomar esse gosto é importante que o professor estimule os seus alunos a escutar a linguagem poética, despertando, assim, seus ouvidos para a sonoridade dos versos, e que a criança descubra em si mesma os significados desses versos e neles se encontre, refaça-se e se reencontre.

Enfatizamos aqui a necessidade de se criar o hábito da leitura de poesias e sua consequente análise linguística, desde os anos iniciais, por ser mais apropriado para o seu futuro entendimento. O objetivo é transformá-los em leitores aptos a interpretar e compreender o que o poema transmite, através dos versos, e assim alargar o contato que eles têm com a poesia.

No entanto, não é tarefa fácil promover um maior contato dos alunos com a poesia, pois é perceptível o quanto ela é pouco aproveitada na escola. Muitos alunos dizem não gostar de ler poemas, dificultando, assim, o incentivo a essa leitura. Esse é apenas um dos fatores que prejudica o aproveitamento da leitura de poesia em sala de aula. Talvez isso seja devido a pouca utilização de textos poéticos nos livros didáticos, ou ainda, a utilização indevida desses textos, o que gera, conseqüentemente, problemas diversos no planejamento dos professores. Com isso, os grandes prejudicados são os alunos, pois perdem a grande oportunidade de adquirirem excelentes ensinamentos, que são transmitidos por meio da leitura e análise de poemas.



Nessa perspectiva, a poesia é vista como a representação da imaginação humana, da autenticidade, encanto, formosura e emoção. Assim sendo, as crianças devem ser estimuladas ao convívio com poemas, desde o início do seu aprendizado escolar, para que, assim, possa desenvolver seu fazer poético, tendo em vista que a linguagem poética é uma das mais atraentes, pois influencia os sentimentos e a sensibilidade humana. Além disso, o trabalho com a poesia auxilia os alunos na interpretação e produção textual, porque quando ela é trabalhada na sala de aula, pode trazer um mundo imaginário ao leitor. Seu contato pode levar os alunos a serem mais sensíveis, a questionarem mais, tornando-se mais críticos em relação aos conhecimentos adquiridos, pois incentiva o diálogo e desperta o pensamento investigativo.

A escola precisa levar ao conhecimento dos alunos os textos de poetas como Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Mário Quintana, Fernando Pessoa, José Paulo Paes e de outros escritores menos conhecidos e, também de poetas locais. Mas estes poemas precisam ser trabalhados em seus verdadeiros sentidos, explorando suas formas artísticas. Não se pode continuar utilizando poesias somente para trabalhar a gramática, pois, apesar de a gramática ser importante, os textos poéticos não foram produzidos para este fim específico. Isso destrói o que a poesia tem de belo, afastando o aluno da poesia.

Segundo Andréa Lacerda (2010), a forma como os livros didáticos trabalham a literatura não estimula as crianças nem desperta o gosto pela leitura literária, pois os textos de literatura são usados como pretexto para exercícios de gramática, distanciando-se assim do seu real sentido. Assim, percebemos que, quando há o processo de escolarização da leitura literária, geralmente, ela deixa de ser prazerosa e divertida e passa a ser apenas estudada. Ainda que ela seja utilizada para o ensino da gramática, é preciso que o professor trabalhe o poema de forma integral e não apenas fragmentos, como sugerem os livros didáticos. Isso distorce totalmente a função da poesia e faz com que perca seu verdadeiro sentido dentro da escola.

Embora os poemas estejam presentes nos livros didáticos, que circulam nas salas de aula de nossas escolas, sua abordagem é feita de maneira equivocada, tendo em vista que a interpretação é feita por meio de perguntas, que não auxiliam o aluno a se identificar com o poema ou a interagir com algum aspecto que está sendo abordado por ele. Esses questionários não permitem aos alunos refletirem sobre a poesia e abstraírem ensinamentos para suas vidas, pois as informações que eles requerem se encontram prontas e explícitas na superfície do texto, sendo necessário apenas que se transcreva. Esta forma de abordagem dos poemas nos livros didáticos é um grande problema para a literatura e a formação de leitores, já que esta proposta desestimula os alunos e contribui, significativamente, para que o estudante não crie ou perca o gosto pela leitura.

Apesar de algumas crianças, que geralmente vêm de famílias letradas (que têm acesso a leituras frequentes), levarem para a escola conhecimentos sobre poemas infantis, que aprenderam a recitar em casa, existem também outras crianças que não conhecem nenhum tipo de texto literário e que não frequentam ambientes que oferecem acesso à leitura. É dever da escola trabalhar estes dois tipos de alunos, dando continuidade aos que já possuem conhecimentos prévios e introduzindo as demais ao mundo da literatura. Nos dois casos, tanto a continuidade do trabalho quanto o início dele será feito, na grande maioria das vezes, por intermédio do livro didático. Evidencia-se, assim, a grande importância deste instrumento de trabalho do professor para que o aluno tome gosto pela leitura e pela literatura em geral, tornando-se um leitor proficiente.

Apesar dos problemas detectados no livro didático temos consciência de que ele ainda, bem ou mal, é uma espécie de “divulgador” da Literatura, visto que o acesso a textos literários, para a maioria das crianças, se dá apenas através desses manuais. (LACERDA, 2010, p. 06).

Neste sentido, fica evidente que o livro didático é de grande importância para divulgar a literatura e para que o professor conduza seu trabalho junto aos alunos. Os poemas que estes livros trazem devem ser trabalhados de forma significativa a fim de alcançarem as funções a que a própria literatura se propõe, e que não sejam utilizados, por exemplo, como pretexto para ensino de gramática, deixando de desenvolver no aluno um sentimento afetivo, mitigando toda ludicidade e prazer que a leitura pode proporcionar.

É dever do professor contornar essa situação, aceitar e compreender que o livro didático não é o seu único instrumento de trabalho na sala de aula, mas compreender que ele é apenas mais um suporte, entretanto, existem outros recursos melhores para se trabalhar o texto literário. Nesse sentido, a inserção dos poemas, com toda sua especificidade na vida dos alunos, dependerá muito da postura que o professor irá adotar em sua prática pedagógica.

Nessa perspectiva, o professor tem outras possibilidades para trabalhar os poemas presentes nos livros didáticos. Uma delas é levar o texto original para que as crianças tenham acesso, uma vez que a maioria dos livros didáticos não traz o texto completo, apenas fragmentos de poemas. É necessário que o aluno conheça realmente o texto original para que compreenda totalmente sua essência e tome gosto por esse gênero, que tanto emociona e pode formar leitores críticos e reflexivos.

Além disso, o professor precisa ser também um bom leitor e conhecedor das estratégias e modos de leitura para que assim possa trabalhar de forma mais eficiente com seus alunos,

apresentando e explorando da melhor maneira possível os poemas a fim de que consiga resultados satisfatórios. Tendo conhecimento dos tipos de leitura, que podem ser utilizados, ele poderá conduzir seus alunos para o caminho proposto pela literatura para formar cidadãos mais conscientes de seus direitos e deveres na sociedade em que vivem.

Segundo Ana Elvira Gebara (2011), existem dois tipos de leitura dos poemas: a eferente, no qual se faz um uso inadequado da literatura, pois o leitor direciona sua atenção para um determinado objetivo a ser atingido; e a estética, que é direcionada pela forma de vivenciar o poema no seu todo, despertando o espírito poético no leitor.

A diferença básica entre os dois tipos de leitura está no modo como o leitor fixa sua atenção. Na eferente, a atenção se dirige para o resíduo da leitura. Na estética, pelo contraste, a atenção está focalizada na experiência vivida durante a leitura. (GEBARA, 2011, p. 25).

Na leitura eferente o leitor direciona sua atenção para “os resíduos da leitura”. Esse tipo de leitura é realizado com um fim específico para encontrar respostas a certos questionamentos quando procura determinados conhecimentos, com informações específicas e uma determinada orientação para realizar a leitura. Nos livros didáticos, essa modalidade de leitura é muito frequente e é complementada por alguns exercícios de “interpretação textual”, por meio do qual os alunos são guiados a buscar no poema/poesia as informações que respondam “corretamente” o questionário proposto pelo livro didático. Isso torna a leitura inadequada, pois muda completamente a função da poesia, que em vez de ser interpretada e vivenciada, passa a ser apenas estudada com um fim específico.

Em contrapartida, a leitura estética é aquela em que o texto literário é vivenciado pelo leitor, acionado pelos seus sentidos de maneira prazerosa e emocionante. Neste tipo de leitura, o leitor não tem um único direcionamento interpretativo, pois pode levar em consideração vários elementos contidos no texto literário. Esta leitura não é muito frequente nos livros didáticos, todavia é a forma mais adequada para ler um poema; é o tipo de leitura que deveria ser utilizado tanto nos livros como na escola, pois essa leitura permite formar verdadeiros leitores. O objetivo dela não é apenas buscar informações, mas valorizar a percepção da literatura, convidando os educandos para uma diferente experiência literária.

### 1.3 Os Benefícios da Poesia em Sala de Aula

Para que se percebam os benefícios da poesia em sala de aula é preciso que haja primeiro o reconhecimento da importância da literatura para o ser humano e reconhecer também seus benefícios para a sociedade. Para isso, é necessário que seja feito um processo de “escolarização” da literatura, porém é preciso entender que escolarizar a literatura não é levá-la para a escola de qualquer maneira, como está acontecendo atualmente. A forma como ela vem sendo trabalhada, no cotidiano escolar, descaracteriza e nega sua função social.

É necessário que a escola reconheça o valor da literatura para a vida de seus educandos e, na sala de aula, a leitura de poesia torne-se um hábito. Isso só acontecerá se o aluno for estimulado a ler. Esse estímulo deve acontecer por meio do professor, desde o início da formação do aluno, ainda na Educação Infantil. “Podemos dizer que se o professor não tiver o hábito da leitura de poemas, se ele ,[...] não se sensibilizar com o poema, dificilmente ele conseguirá emocionar seus alunos [...]” (CUNHA, 1983, p. 95).

Nesse sentido, quanto mais cedo a criança tiver contato com textos poéticos, ela terá mais condições de se tornar um leitor competente. É preciso oferecer poesia na infância, por meio de poemas de autores diversos que tornem a leitura prazerosa e a transforme num hábito. Dessa maneira, provavelmente os alunos serão instigados a mergulharem no mundo da leitura desde cedo para que sejam ávidos leitores durante toda sua vida, e sejam capazes de agir ativamente diante das situações do cotidiano.

Os professores precisam compreender que a poesia em sala de aula auxilia na aprendizagem da leitura e interpretação textual, além de estimular a criação e reflexão, despertando nossos sentimentos. Isso acontece pelo fato da riqueza de vocabulário existente nos textos poéticos, exige mais atenção na leitura tanto no que diz respeito aos significados das palavras quanto na pontuação e estrutura dos poemas. Assim, o aluno precisa colocar em prática sua criatividade, sua capacidade de entendimento e todo seu potencial interpretativo para analisar uma poesia com suas múltiplas capacidades de interpretação e plurissignificação.

[...] a literatura, esta corrige os defeitos da linguagem. A literatura fala a todo o mundo, recorre a língua comum, mas ela faz desta uma língua particular – poética ou literária. [...] a poesia se concebe como um remédio não mais para os males da sociedade, mas, essencialmente, para a inadequação da língua. (COMPAGNON, 2009, p. 45).

O professor precisa conduzir um trabalho em sala de aula, que leve os alunos ao conhecimento de textos diversos de autores variados. Esse trabalho pode ser iniciado por meio

da leitura de poesias, pois ela aumenta claramente as possibilidades do aluno refletir sobre diversos aspectos presentes nos textos literários. Assim sendo, a poesia deve permanecer em nosso cotidiano profissional como uma importante ferramenta de ensino, nos proporcionando um equilíbrio em uma escola que prioriza os conhecimentos científicos.

Nessa perspectiva, a poesia favorece o trabalho dinâmico e lúdico, pois possibilita o jogo com as palavras e sons. “A poesia pode ser um meio lúdico para se brincar com a língua, para trabalhar com o imaginário da criança e para desenvolver sua criatividade, principalmente o prazer estético”. (BURLAMAQUE, 2006, p. 89). Contudo, ainda que apresente um enorme potencial capaz de contribuir com a aprendizagem do aluno em sala de aula, a poesia é pouco usada pela escola. Na grande maioria das vezes, ela é usada somente em “ocasiões especiais”, principalmente nas datas comemorativas, quando a escola realiza alguns eventos.

Ana Elvira Gebara (2011, p. 35) sustenta que o primeiro aspecto a ser considerado no uso da poesia é “assumir que o texto poético não é espaço para posturas moralizantes ou didatismo, nem veículo dos valores a serem preservados pela sociedade, ou grupo social a que pertencem o autor e o leitor”. No entanto, a escola utiliza a poesia para tentar retirar estes valores devido à sociedade na qual está inserida, que sempre busca pela produção imediata. Dessa maneira, a poesia é, geralmente, descartada, por não apresentar contribuições imediatas para esta sociedade, que não se preocupa com o prazer, mas, sim, com a utilidade prática e imediata. Entretanto, precisamos mudar essa realidade em nossas escolas, e para que isso aconteça é necessário que a poesia seja trabalhada de forma regular, sistemática e que seja explorada o máximo possível de suas potencialidades, pois ela possui uma infinidade de conhecimentos, que podem ser utilizados para a transformação de pensamentos.

Assim, para que a leitura de poemas na sala de aula seja prazerosa e, ao mesmo tempo, contribua para a aquisição de conhecimentos, precisamos de professores conscientes de seu papel e empenhados em desenvolver um trabalho efetivo, promovendo leituras, que requeiram a participação do aluno, estimulando o interesse pela leitura dos textos poéticos. Esse poético, que cria e recria conhecimentos e imagens diversas, está presente nos poemas que os professores devem levar à sala de aula.

[...] O poético é poesia em estado amorfo; o poema é a criação, poesia que se ergue [...]. O poema é um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia [...]. (PAZ, 1982, p. 17).

Ainda que apresentem benefícios diversos, os textos poéticos pouco circulam na escola. Um dos principais problemas que levam ao desinteresse dos alunos pela leitura desses textos é

a maneira como eles são apresentados na sala de aula pelos professores. Segundo Guaraciaba Micheletti (2001, p. 22), “o poema é considerado por muitos professores e alunos como de difícil interpretação”. Por apresentarem uma linguagem um pouco mais complexa e diferenciada, muitos professores e alunos consideram a poesia complicada, e que, portanto, não tem muita utilidade e só deve ser usada em momentos especiais. Entretanto, Gebara desmitifica isso:

Só no começo da adolescência foi que me livrei dessa falsa ideia de ser a poesia um tipo de linguagem enfeitada, obrigatoriamente ritmada e metrificada, que nada tinha a ver com a realidade e que só servia para aborrecer a paciência dos alunos ou ser recitada, mão espalmada no peito, nas festas cívicas. (GEBARA, 2011, p. 35).

Neste sentido, é preciso que o professor possa utilizar mais sua criatividade como educador e trabalhe de forma inovadora, com metodologias interessantes e atividades desafiadoras para que a leitura de poesias seja mais presente na sala de aula e, assim, desperte a atenção do aluno. Sendo assim, a poesia será mais apreciada e envolverá os alunos, despertando-lhes o gosto pela leitura.

Para gostar de ler poesia, é preciso habituar-se ao contato com esse tipo de texto. Mais que elogiar a poesia é preciso possibilitar a vivência com poemas, lendo-os em voz alta para captar seus ritmos e sua musicalidade que também produzem efeitos de sentido. (GEBARA, 2011, p. 08).

Diante disso, pode-se dizer que o contato constante com a poesia melhorará a aprendizagem, pois um trabalho de forma lúdica, exercitando a imaginação, contribui significativamente, para o sucesso na vida escolar, visto que o contato com a literatura é essencial na formação das pessoas em todas as fases de desenvolvimento do ser humano.

Compagnon (2009) destaca os principais benefícios da literatura, que são: o poder de instruir, deleitando, o combate à fragmentação da experiência e a possibilidade de ir além dos limites da linguagem comum. Logo, fica manifesto que “a literatura, ao mesmo tempo sintoma e solução do mal-estar na civilização, dota o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana” (COMPAGNON, 2009, p. 44).

Nesse sentido, a literatura é vista como uma real necessidade do ser humano. Cândido (1995) sustenta essa relação da literatura com os direitos humanos. Para ele, a leitura do texto literário corresponde “a uma necessidade universal, que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos

organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade”. (CÂNDIDO, 1995, p. 186).

Além disso, a literatura tem, ainda, como benefício visões diversas do mundo. Isso é de extrema importância para a formação crítica do indivíduo e, talvez, seja um dos maiores benefícios que a literatura e a poesia podem oferecer ao ser humano. Sendo assim, fica fulgente a importância de se rever o espaço da literatura e, principalmente, da poesia na escola, pois é a educação que tem como principal missão formar seres mais críticos, capazes de vivenciar plenamente sua humanidade na sociedade em que vivemos.

No entanto, as escolas parecem desconhecer a importância que o ensino do texto literário tem na formação do indivíduo. A Literatura como disciplina sofreu, ao longo da história, diversas mudanças em sua forma de ensinar, sendo, em alguns momentos, vista como fazendo parte da disciplina de Língua Portuguesa e trabalhada integrada a esta disciplina e, em outros momentos, vista de forma independente, sendo trabalhada isoladamente. Além disso, sofreu, também, algumas reduções de carga horária na estrutura curricular, prejudicando claramente os alunos e a disseminação desta disciplina no espaço escolar e, principalmente, na sociedade, onde ela está cada vez mais escassa.

O desconhecimento da escola em relação aos benefícios que esta ciência traz para a vida de seus alunos tem colaborado para a escassez da Literatura na sociedade em geral. Segundo Antoine Compagnon, a Literatura vem perdendo espaço, gradativamente, na sociedade. O autor aponta os motivos para isso:

[...] o espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; na imprensa, que atravessa ela também uma crise, funesta talvez, e onde as páginas literárias se estiolam; nos lazeres, onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros. (COMPAGNON, 2009, p. 21).

Com isso, nota-se cada vez mais que o ensino da Literatura perde seu espaço na formação cultural do indivíduo e deixa de cumprir sua principal função, a de elemento humanizador. Neste sentido, Rildo Cosson (2014, p. 17) afirma que “na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos”.

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda

assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade verdades dadas pela poesia e pela ficção (COSSON, 2014, p. 17).

Fica visível que um dos grandes benefícios do ensino da Literatura é o poder de agir como prática social capaz de promover uma mudança de postura, visão e revisão de nossos valores. Esse benefício, a escola não pode relegar ao aluno, mas, sim, deve aceitar este desafio e levar o educando ao conhecimento de textos literários, que possam instigá-lo a viver realidades diferentes e compartilhar experiências com colegas e vivenciar verdades e conhecimentos transmitidos por meio da poesia e de outros gêneros literários.

Outro grande benefício da literatura e da poesia é ajudar o indivíduo a sentir prazer no que lê e interpreta. Para tanto, é preciso que sejam apresentados aos alunos poemas variados e, que esses textos sejam analisados, de forma crítica. Esta análise é que vai formar no leitor a consciência sobre vários aspectos do mundo e que poderá propiciar o sentimento de valor, que ele terá da leitura e a forma como ele fará esta leitura no seu cotidiano.



## 2 A LITERATURA NA ESCOLA

Ninguém nasce já gostando de Literatura. O gosto é adquirido por meio da prática, na qual se cria o hábito da leitura. Do mesmo modo, a simples leitura não garante crítica, fruição ou prazer. O grande segredo da Literatura é exatamente o envolvimento único e encantador que ela proporciona num mundo repleto de palavras com diversos significados. Explorar ao máximo as potencialidades do texto literário proporciona condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma procura completa de significado para ele e para a sociedade.

Esse encontro do aluno com a literatura é proporcionado pela leitura literária, que pode ser considerada como um processo de comunicação, que demanda respostas do leitor em relação ao texto literário. Entretanto, a leitura literária não tem sido muito eficiente, na escola, pois o trabalho com o texto literário está limitado apenas a questões puramente pragmáticas e de ensinamentos didáticos, desconsiderando as principais características e função social deste texto. Desse modo, na maioria das escolas, a leitura literária de fato não ocorre, já que a maneira como está sendo realizada na sala de aula não possibilita uma verdadeira relação dialógica entre o leitor e o texto, caracterizando-se, assim, uma ausência desse tipo de leitura no ambiente escolar.

A ausência da leitura literária, enquanto objeto de ensino, com propósito de provocar o exercício da reflexão e da formação da consciência crítica, deixa várias lacunas na formação do leitor. Assim, cada vez mais, o leitor se distancia da leitura do texto literário, pois faz menos leituras, o que pode diminuir, gradativamente, a compreensão crítica do mundo em que vive.

Os excluídos da leitura literária, geralmente, não possuem referências de leitores na família, sociedade ou na escola. Além disso, a forma como a literatura é trabalhada na escola, retratada como um bem inacessível e distante da realidade, não contribui para a formação intelectual do indivíduo. Assim, é necessário tornar o ensino e a aprendizagem da literatura uma prática significativa para o aluno. Para isso, o letramento literário se apresenta como uma alternativa na qual a literatura é compreendida de forma mais ampla, porquanto irá se repensar o seu conceito, o seu valor e a sua função social.

## 2.1 Letramento Literário: a Leitura Literária na Escola

Segundo Rildo Cosson (2014), o letramento literário na escola se diferencia da leitura literária.

O letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independentemente dela. Quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ela nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro nos afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras em nossa memória. (COSSON, 2014, p. 65).

Quando o leitor lê um livro e fica embevecido pelas palavras, que ficaram aninhadas em sua memória, ele pode externar toda sua emoção e até convencer outras pessoas a lerem este livro, demonstrando que a leitura literária tem um caráter mais individual em que a interação, interpretação e ressignificação ocorrem, especificamente, entre leitor e texto. Contudo, talvez, esta condição de leitor autônomo esteja associada às estratégias aprendidas durante as vivências escolares.

Todavia, Cosson (2014) afirma:

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, 2014, p. 66).

Em virtude disso, na perspectiva do letramento literário, não basta apenas o aluno ser um simples leitor, pois a simples leitura contribui pouco para a formação de um leitor proficiente e crítico. A leitura literária, numa proposta de letramento, tem a função de ajudar o aluno a ler melhor a si mesmo, aos outros e ao mundo através da relação leitor-texto. Uma leitura que fornece, como nenhuma outra, os instrumentos necessários para conhecer e interagir com competência no mundo da linguagem. Ela contribui, significativamente, na formação do leitor criativo e autônomo, pois os horizontes propostos pela literatura e suas interpretações são ilimitados, dada a natureza polissêmica da palavra literária. Assim, a contribuição da leitura literária para a formação de leitores passa pela efetivação de práticas pedagógicas de leitura que tenham o letramento literário como eixo norteador.

Para que as práticas pedagógicas, voltadas para o letramento literário, possam ser efetivas, vários problemas precisam ser superados pela própria escola. Um deles reside no fato de que, na maioria das instituições escolares, a literatura ainda é vista como algo inalcançável para alguns, como se fosse um artefato de luxo, que poucos podem possuir. Isso a deixa sacralizada e distante do contexto sociocultural, evidenciando uma exclusão e revelando certa condição elitizada oferecida à literatura pela classe dominante. Essa exclusão literária é tão comum, no interior das escolas, que se apresenta como algo natural, e, às vezes, como se não existisse, por se apresentar de modo muito sutil nos discursos dominantes. Entretanto, essa condição é incisiva nas políticas e nos programas de leitura, principalmente nas práticas pedagógicas, que têm deixado um triste rastro, que se alastra num silêncio estratificado, numa sociedade que é pouco leitora literária, formando leitores superficiais ou não críticos.

Na perspectiva do letramento literário, o foco não está somente na aquisição de habilidades de leitura de textos literários, mas no aprendizado da compreensão e da ressignificação desses textos, por meio da relação leitor-texto, na qual o leitor faz um intercâmbio de conhecimentos e sentimentos com o autor da obra escrita.

O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo ainda que isso não implique aceitá-lo é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto. O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concreto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário. (COSSON, 2014, p. 27).

A relação entre leitor e texto é considerada por Rildo Cosson (2014) como um ato solidário que, juntamente com a sociedade, compartilham sentidos, que resultam das visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço. Desta maneira, no momento da leitura, que é um ato solitário, está sendo aberta uma porta entre o mundo do leitor e o mundo do outro, transformando-se num ato solidário.

Nesse sentido, o letramento literário pode ser compreendido como uma estratégia metodológica no direcionamento, fortalecimento e ampliação da educação literária oferecida aos alunos a fim de torná-los leitores proficientes, dentro e fora do contexto escolar, capazes de fazer o uso social da literatura. Como a definição de letramento defendida por Magda Soares (2006, p. 47) é o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e

exerce as práticas sociais que usam a escrita e a leitura”; o letramento literário deve ser considerado como o estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler texto literário, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, passando da condição de mero espectador para a de leitor literário.

Rildo Cosson (2014) apresenta uma nova abordagem para o texto literário. Propõe uma estratégia metodológica a partir de práticas observadas em suas pesquisas, sob a perspectiva de letramento literário, que corresponde ao “processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso da escrita, mas também e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio” (2014, p.12).

Segundo Rildo Cosson (2014), o letramento literário precisa acompanhar as três etapas básicas do processo de leitura - *antecipação, decifração e interpretação* – e o saber literário associado à função humanizadora da Literatura. Para ele, a linguagem literária compreende três tipos de aprendizagem.

[...] a literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem: a aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso são os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários. (COSSON, 2014, p. 47).

A primeira, “a aprendizagem da Literatura”, que se dá por meio da experiência estética do mundo, através da palavra, instiga os sentidos, os sentimentos e a intimidade do leitor, pois existe uma relação tátil, visual, sensorial, emocional do leitor com o texto literário. Na segunda, “a aprendizagem sobre a Literatura”, que envolve os conhecimentos da história, teoria e crítica, prevalecem os didatismos nos currículos escolares. E a terceira, que é “a aprendizagem por meio da Literatura”, está relacionada aos saberes e às habilidades proporcionadas aos alunos pela prática da leitura literária, ampliando o universo cultural do leitor por meio dos diversos temas humanos, sociais, políticos, religiosos, ideológicos, filosóficos, entre outros, que são frequentemente abordados nos textos literários.

As três aprendizagens são indispensáveis no processo de formação do leitor literário. Todavia, essas oportunidades de aprendizagens são frequentemente negligenciadas nas práticas pedagógicas docentes pelo fato de haver uma preocupação exasperada com as questões puramente burocráticas, exigidas pela instituição escolar. A consequência disso é o afastamento dos alunos da Literatura, que passam a vê-la com descontentamento, e que pode ocasionar um travamento no desenvolvimento do letramento literário dos alunos.

A realidade da leitura literária no ambiente escolar, provavelmente é influenciada pelas práticas pedagógicas dos professores que, na maioria das vezes, ainda assinala muitos equívocos, que afastam o aluno do prazer propiciado pela leitura literária. Esse prazer, que advém da influência mútua significativa entre leitor e texto, é diretamente influenciado pelas condições de leitura proporcionadas na escola e pela indispensável mediação do professor.

Um fator que contribui, significativamente, para a ampliação do repertório de leitura dos alunos é a seleção de textos literários pelas escolas e pelos professores. Provavelmente, os critérios de seleção destes textos não estejam contribuindo de forma satisfatória para o processo de letramento literário dos alunos, pois existem alguns ditames dos programas, que determinam a seleção de textos de acordo com os fins educacionais pretendidos. No entanto, essa seleção deve levar em consideração a diversidade e variedade dos tipos e gêneros literários.

Vai além da simples diferença entre textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. Assim é que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares (COSSON, 20014, p. 35-36).

Para a efetivação do letramento literário, é imperativo que o professor trabalhe sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não, pois essa atualidade gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos. Nesta direção, o professor não pode desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural, e também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas, sim, em sua atualidade, aplicando o princípio da diversidade.

Dessa maneira, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a leitura e, por consequência, é um ato singular porque, nesta perspectiva, a literatura ocupa um lugar exclusivo em relação à linguagem, incumbindo-a de “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2014, p. 17). Portanto, o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que pode conduzir ao domínio da palavra a partir dela mesma.

Nesse contexto de estudo do texto literário, no qual o letramento literário é tão importante, a poesia, como um gênero textual bastante rico, pode ser utilizada como um formidável recurso. Contudo, este tipo de texto não tem sido valorizado em sala de aula e na vida dos alunos em função da velha alegação da dificuldade de se trabalhar com o texto poético. Todavia, é preciso romper com esta concepção, pois o letramento literário precisa da escola

para se concretizar, e a análise e interpretação de poesias pode contribuir expressivamente, já que a simples prática de leitura de textos literários não consegue, sozinha, efetivar este processo de letramento.

Nessa perspectiva, fica evidente que o letramento literário é muito mais do que uma habilidade pronta e acabada para ler textos literários, já que requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os textos literários, mas, sim, uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.

O letramento literário enquanto busca dos sentidos do texto, advém por meio de indagações ao próprio texto. As respostas para as indagações podem ser obtidas quando se analisam os detalhes do texto, no ato da leitura, momento em que se insere a obra em um diálogo com outros textos já lidos pelo leitor. Por isso, é tão importante o professor saber selecionar quais livros ou textos serão lidos e discutidos pela turma.

O professor precisa ficar atento para que a leitura e o estudo dos textos literários, em sala de aula, não aconteçam de maneira inadequada. A escola precisa ter cuidado para não utilizar um texto literário de forma deturpada, transformando o que é literário em pedagógico. Para se evitar esta inadequação o professor deve privilegiar o texto literário e ter muito cuidado ao escolher um texto do livro didático para ser trabalhado, pois a maioria desses livros trazem os textos fragmentados.

É importante que o professor saiba escolher o texto e respeitar a integralidade da obra, pois não é aconselhável retirar ou saltar partes do texto que, por alguma razão, o autor do livro didático pode ter entendido como inadequado ou desnecessário para os alunos. Quando isso acontece, muitas vezes, o texto literário perde sua essência estética e, talvez, suas várias possibilidades de atribuição de sentidos. Dessa maneira, respeitar a integridade do texto faz parte da adequada escolarização da literatura.

Segundo Rildo Cosson (2014), o ensino da literatura nas escolas não está no caminho correto. “Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (COSSON 2014, p. 23). Deste modo, se faz urgente e necessário o desenvolvimento de uma nova maneira de ensinar, que possibilite que a leitura literária seja praticada com prazer, mas também que exista o compromisso com o conhecimento que todo saber exige. Portanto, a prática da leitura literária na escola precisa estar centrada na leitura efetiva dos textos literários, que não devem ser lidos apenas pelo prazer de ler, mas também pelo fato de que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar. “Devemos compreender que o letramento literário é uma

prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (COSSON, 2014, p. 23). Ainda que o letramento literário seja responsabilidade da escola, as aulas de literatura não têm cumprido sua real função. Possivelmente, a falha está na maneira como o professor desenvolve suas aulas, de forma condicionada ao cumprimento de exigências educacionais. Isso prejudica o ensino de literatura na escola, pois a mera leitura de textos literários não resulta no processo de letramento literário.

Para que seja possível reverter este quadro é necessário haver uma mudança de postura do professor e da escola, transformando o ambiente escolar e o próprio professor em um mediador indispensável nos processos de letramento literário. Entretanto, os professores precisam fazer um aprofundamento literário para que sejam exemplos de leitores para seus alunos e não limitem suas aulas de literatura ao simples uso dos livros didáticos. Sendo um bom leitor, ele poderá ser um modelo aos seus alunos, mediando o processo de leitura literária na sala de aula.

Se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas [...] O primeiro requisito, portanto, para que o contato aluno/texto seja o menos doloroso possível é que o mestre não seja um mau leitor. Que goste de ler e pratique a leitura. (LAJOLO apud ZILBERMAN, 1988, p.53-54).

Um dos fatores mais determinantes para o fracasso do letramento literário na escola é o cabedal de leituras literárias do professor. Essa ausência de conhecimento de textos literários, por parte do professor, gera a falta de envolvimento efetivo dele, falta da leitura de um bom texto, falta de exploração, de debate, de prazer estético e emoção no momento do compartilhamento das leituras em sala de aula. O professor deve ser um amante da leitura literária, deve desenvolver e exercitar o que Roland Barthes chama de “prazer do texto”, pois a partir do prazer aproxima-se mais facilmente à reflexão, que proporciona mudanças de atitudes.

Um ensino de literatura como prática social capaz de causar uma mudança de postura, visão e revisão de valores e de verdades passa pelo letramento literário, que permite que a leitura do texto literário seja sentida e vivenciada. Essa é uma prática da qual a escola e o professor não podem se recusar, pois a leitura literária tem a função de ajudar o indivíduo a compreender melhor o mundo, a desenvolver bons hábitos e a sentir prazer no que é lido. Portanto, a escola e os professores devem se colocar como principais promotores desse processo.

## 2.2 O Valor da Literatura, suas Concepções e Funções

Na escola, principalmente no Ensino Fundamental, os gêneros literários têm sido utilizados como pretexto para ensinar aspectos gramaticais da língua portuguesa e como elementos de interpretações já prontas. A poesia não foge a esta regra, apenas com uma restrição, ela é menos utilizada pelo fato de ser considerada de difícil interpretação tanto por parte de professores quanto de alunos. A escassez da leitura literária nas vidas das pessoas, possivelmente, se deve à forma como a Literatura lhes foi apresentada durante sua vida escolar. Quase sempre apresentada, aos alunos, no Ensino Fundamental, como um bem inacessível e distante da nossa realidade. Assim, é primordial tornar o ensino e a aprendizagem da Literatura, na sala de aula, uma prática simples, efetiva, constante e significativa. Entretanto, os professores, alunos e sociedade em geral precisam repensar o conceito de Literatura, pois muitos a tem concebido de maneira equivocada; o seu valor, já que a maioria da sociedade não a valoriza; e a sua função social, porque a sociedade não tem conhecimento de suas funções para o bem humano.

Esse texto pretende fazer uma reflexão acerca do que é Literatura, levando em consideração seu conceito, seu valor e sua função social. Para que possamos fortalecer a Literatura na escola e oferecer seus benefícios aos alunos, com o objetivo de formar bons leitores, precisamos refletir sobre o que é Literatura e mostrar aos educandos como podemos fazer seu uso social. Seu conceito não pode ser apresentado de maneira restrita, mas de forma ampla e abrangente, como lhe é peculiar.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 1995, p. 174).

Nessa perspectiva, é impossível para a sociedade viver sem a literatura. Ela está presente em todos os lugares e em todos os tempos, manifestada de diversas maneiras, por diversos povos e civilizações, não sendo possível, segundo Antonio Candido, viver sem ela.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela [...] (CANDIDO, 1995, p. 174).



A concepção de literatura de Antonio Candido manifesta uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita. Para ele não seria possível e nem suportável viver sem o equilíbrio social que ela proporciona. Por ser uma necessidade, este autor considera que sua satisfação constitui um direito do qual o ser humano não pode abrir mão. Como todo direito precisa ser exercido, a sociedade não pode ignorar seu valor e nem deixar de exercê-lo.

Vista desta maneira, a literatura é um bem de valor inestimável e um direito inegociável. Cândido afirma que nenhum ser humano consegue passar vinte e quatro horas sem que tenha contato com alguma forma de manifestação literária. Sem que se depare, em algum momento, mergulhado neste universo surpreendente da ficção e da poesia.

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (CANDIDO, 1995, p. 175).

Diante disso, é perceptível o grande poder que a literatura pode exercer sobre a vida humana. Ela tem o poder de despertar sentimentos contraditórios, de contribuir com a formação da personalidade humana. Segundo Antonio Candido (1995) “ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, por que faz viver”. (CANDIDO, 1995, p. 176). Ao fazer uma reflexão acerca da natureza e da função da literatura, Antonio Candido concebe-a como meio de aquisição de conhecimento. Logo, “negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade” (CANDIDO, 1995, p. 186).

Não se pode atribuir à literatura, como sua única função, o prazer pela leitura, como alguns educadores preconizam. No entanto, aqueles que defendem essa concepção, do mero prazer, entram em contradição com sua teoria, ao distorcerem essa visão em suas práticas. “Os defensores do mero prazer, por vezes, são contraditórios, pois o único valor que atribuem à literatura é o reforço das habilidades linguísticas” (COSSON, 2014, p. 29).

Nesse sentido, a literatura é compreendida como algo que traduz o Homem e depois atua na sua própria formação. Candido (1995) considera a literatura como fator indispensável de humanização, que confirma o Homem na sua humanidade. Isso se dá devido a uma atuação contraditória, no inconsciente humano, no qual esta contradição tem o poder de confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater, permitindo ao leitor viver seus problemas de forma dialética.

Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. [...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1995, p. 175).

Assim como a vida, a literatura nos traz momentos que nos deixam felizes, mas proporciona momentos tristes também. Esses momentos são grandes ensinamentos que tocam o Homem por meio do texto literário, no momento em que o indivíduo se reconhece nele. A partir desta nova experiência, adquirida pela leitura, é dada ao leitor a possibilidade de incorporar novas maneiras de se relacionar com o mundo. São esses ensinamentos que adquirimos por meio da leitura do texto literário. Com isso, podemos nos tornar mais humanos à medida que a literatura, por meio do texto literário, provavelmente nos torna mais compreensíveis diante dos problemas da sociedade e do nosso semelhante, proporcionando um equilíbrio humano, que é essencial para uma convivência em sociedade. Neste sentido, Antonio Candido define a literatura como:

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1995, p. 180).

Como a literatura está inteiramente ligada à representação do Real, ela exprime o Homem, assumindo algumas funções que atuam diretamente em sua formação. Por possuir a função, que contribui para a formação intelectual do indivíduo e, seu conseqüentemente bem-estar psicológico, segundo Antonio Candido (1995), a literatura deve ser inserida no conjunto de bens a que todos os seres humanos têm direito a usufruir.

Ao refletir desta forma, Antonio Candido (1995) faz a distinção entre bens compressíveis e bens incompressíveis. Para o autor estão enquadrados dentro da categoria dos bens compressíveis, aqueles que podem ser dispensáveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. Os bens incompressíveis são aqueles que não podem ser negados a ninguém, pois são indispensáveis à sobrevivência humana e à integridade espiritual, como o alimento, a casa, a roupa, a saúde, a liberdade, o direito à instrução, incluindo, aí, a Arte e a Literatura.

Antonio Candido inclui a literatura na categoria dos bens incompressíveis justamente por que ela promove no Homem o desenvolvimento de sua intelectualidade, proporcionando um equilíbrio moral e psicológico, sendo, portanto, um direito de todo ser humano.

Pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. [...] Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CANDIDO, 1995, p. 172).

Nessa perspectiva, é necessário que o Homem reconheça que tem direito à fruição como parte responsável pela consolidação de seu universo de conhecimento. E para que possa usufruir deste direito é preciso primeiro saber que o possui para depois utilizar o esforço necessário para exercê-lo. Este esforço que vai além da acessibilidade a todos, inclui, também, um esforço de interpretação e compreensão de seu real significado. Para que se alcance tal compreensão é imperativo que se pratique uma ação que deve ser um hábito de todos, que é a prática da leitura. Somente assim se reconhecerá a importância da literatura para nossas vidas, e ela exercerá inteiramente todas as suas funções, deixando clara a importância que a literatura exerce no meio social.

Visto a concepção e a importância da literatura para Antônio Candido, se faz necessário também apresentar a concepção de Roland Barthes. A exposição ajudará a construir concepções mais seguras a respeito do conceito e da importância da literatura, a partir das semelhanças e diferenças percebidas, nas concepções de todos os autores, aqui apresentados.

Em sua obra intitulada *Aula* (2013), na qual ele ministra sua aula inaugural para sua elevação à Cátedra de Semiologia no Colégio de França, Barthes, apresenta uma visão eminentemente social da linguagem, e a considera a expressão do puro poder social a que todos estão submetidos.

Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua. (BARTHES, 2013, p. 12).

Roland Barthes (2013) concebe a língua como um objeto de opressão e, que pode ser utilizada como uma maneira de alienação. Dessa forma, ela faz parte de uma estrutura de poder a qual todos os seres humanos estão sujeitos e obrigados, uma vez que somos todos forçados a aceitar as estruturas da língua para que possamos ter acesso à comunicação eficiente, porquanto estamos submetidos completamente à linguagem.

Entretanto, o ser humano tem em sua natureza a busca pela liberdade. Para tanto, é necessário que se desvincule totalmente de toda e qualquer forma de poder opressor, já que uma das características da liberdade é não se submeter a ninguém. Assim sendo, ele precisa se libertar da linguagem para alcançar a liberdade tão almejada. Conforme Roland Barthes (2013,

p. 17), “essa trapaça, salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a linguagem fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura”.

Evidencia-se, assim, a concepção de literatura de Roland Barthes, que é a utilização da linguagem não submetida a nenhum tipo de poder, uma linguagem livre, sem opressão. Significa que a linguagem literária não precisa de regras de estruturação fixa, ela pode se fazer compreender por si só sem que esteja presa a algum tipo de preceito.

Neste sentido, os ensinamentos e encantos do texto literário não são obrigados a se enquadrarem nas estruturas linguísticas. O poeta é livre para escolher e criar sua própria estrutura, que proporcione a ele a verdadeira expressão de sentimentos, desejos e ideias. Dessa maneira, a linguagem literária não é própria de um simples texto, mas de uma produção artística, com todo o seu poder de encantamento. Poder que não é opressor como o de antes, pois assume uma nova linguagem e está ligado ao valor da Arte.

Por meio dessa linguagem é possível fazer reflexões sobre a própria língua, com liberdade de expressão, pois a linguagem literária possibilita que as palavras assumam vida própria, assumam sentimentos diversos, com novos significados, diferentes daqueles pelos quais lhe são usualmente conferidos. Assim, ela passa a ter um verdadeiro “sabor”, já que está totalmente livre de estruturas, códigos e normas, não estando presa a qualquer corpo.

Baseado nessa liberdade e autonomia de pensamento é que Barthes (2013) apresenta seu conceito de literatura.

Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visio, portanto, essencialmente, ao texto, isto é, ao tecido dos significantes que constitui a obra, por que o texto é próprio aflorar da língua [...] posso, portanto, dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto. (BARTHES, 2013, p. 17).

Percebe-se, assim, que no texto está a essência da literatura, e seu cerne traz o poder de fazer com que o ser humano viva plenamente a sua autonomia de pensamento. Por meio do texto literário, o Homem é capaz de vivenciar na prática sua própria Humanidade, através da superação da opressão a que é submetido pela sociedade. O exercício da literatura pode proporcionar o resgate do ser humano da situação de escravidão.

Desta maneira, é preciso que o indivíduo tenha acesso à boa literatura, pois lendo bons textos literários, irá estabelecer uma consciência do que ele é, possivelmente, com condições de analisar o mundo em que vive para colocar em prática seu conhecimento e transformá-lo no

mundo em que gostaria de viver. Evidencia-se, assim, a importância da leitura como atividade indispensável para a formação de cidadãos conscientes. Ler, nesse sentido, significa libertação da ignorância alienante e acesso ao conhecimento libertador, tornando cada indivíduo em cidadão mais consciente e cumpridor de seus direitos e deveres.

Na literatura estão retratadas muitas verdades, o que possibilita ao Homem refletir sobre sua postura diante do mundo, por meio dos saberes que ela proporciona. Porém, estas verdades não são absolutas, “o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens”. (BARTHES, 2013, p. 19).

Roland Barthes afirma que o saber é um enunciado, que pode ser expresso por palavras ou em uma breve exposição. Em contrapartida, a literatura é uma enunciação, aquilo que pode ser verdadeiro ou falso. Para o referido autor, a literatura possui uma força de representação, que os homens a utilizam para tentar representar o Real, mas enfatiza que o Real não é representável, apenas demonstrável. “O real não é representável, e é por que os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura. Que o real não seja representável – mas somente demonstrável [...]” (BARTHES, 2013, p. 23).

Em contrapartida, Roland Barthes (2013, p. 19) afirma que “a literatura é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade”. O autor confere tanto poder à literatura que afirma que essa ciência assume muitos saberes, de todas as disciplinas. “Se todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”. (BARTHES, 2013, p. 18-19).

Roland Barthes explica que o texto é o “tecido dos significantes que constitui a obra, por que o texto é o próprio aflorar da língua” (BARTHES, 2013, p. 17). O texto, para Barthes, é o meio pelo qual a língua se manifesta, sendo assim, o ambiente ideal para se travar o combate contra o poder que a linguagem manifesta. Deixa claro, assim, que a forma como o texto literário se organiza se constitui no único meio pelo qual se pode ludibriar a língua, alcançando o oposto do poder, que seria a liberdade de expressão.

Segundo Roland Barthes (2013, p. 17-18)

As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinal de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua.

A partir do deslocamento sobre a língua, revelam-se as forças da literatura. Dessas forças da literatura, Roland Barthes (2013) indica três: a *mathesis*, a *mimesis* e a *semiosis*.

A *mathesis*, termo grego que Barthes indica como uma das forças da literatura, pode ser traduzida como um bom método, que permite o acesso profundo ao maior número de conhecimentos disponíveis. Roland Barthes (2013, p. 18) afirma que “A literatura assume muitos saberes”. Para ele, numa mesma obra, estão presentes saberes diversos, como o histórico, o geográfico, o social, o botânico, o antropológico. Assim, apresenta a força da *mathesis* literária, considerando que a literatura possui todas as ciências.

Essa força da literatura, enquanto *mathesis*, é a demonstração dos conhecimentos presentes nas obras literárias. Desta maneira, a literatura pode ser compreendida como a legítima realidade, pois o saber que está presente no texto literário clareia a penumbra presente no mundo e a maneira como entendemos a nossa própria existência. Para Roland Barthes, a literatura coloca os saberes em movimento, não os fixando em conceitos estanques e nem os considera como a solução para todos os males da Humanidade.

O lugar dos saberes na literatura não se dá de forma precisa, mas sempre de forma indireta, pois é necessário que haja, de fato, uma interpretação. Significa que a literatura não revela saberes exatos, mas saberes possíveis. Conforme Roland Barthes, o saber mobilizado pela obra literária não se constitui num conhecimento em sua inteireza, nem se consoma na última palavra sobre o teor cognitivo que ele possa resguardar.

Nessa perspectiva, o teórico francês afirma que essa capacidade da literatura em mergulhar profundamente nos sentimentos humanos provoca um grande abalo na linguagem. Afirma, também, que o saber gerado pela literatura, mediante o jogo de palavras do qual ela é composta, apresenta-se ao leitor como uma encenação teatral, que determina uma sucessiva interpretação.

Porque ela encena a linguagem, em vez de simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático (BARTHES, 2013, p. 20).

Apesar de afirmar que na literatura o saber se realiza como uma reflexão incessante sobre o saber, a partir de um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático, Barthes não coloca a literatura em oposição à ciência, mas marca a diferença de discursos a partir dos quais cada uma delas se posiciona em relação ao saber. Na ciência, o enunciado sobre o saber consubstancia-se pela ausência de quem o pronuncia, anulando o enunciador. Na literatura, o

discurso sobre o saber, realizado pela enunciação, marca a presença de um sujeito que o declara, que o anuncia, fazendo com que o texto literário vise à linguagem em sua autêntica dinâmica, submetida a diversos efeitos.

A segunda força da literatura, que Roland Barthes indica, é a *mimesis*. Para ele, a literatura sempre exerceu um esforço para representar algo. Esse algo, Barthes (2013) afirma que é o Real. Entretanto, afirma que “o real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura” (BARTHES, 2013, p. 23). Ainda que seja impossível representar o Real, a literatura continua insistindo.

Ora, é precisamente a essa necessidade topológica que a literatura não quer, nunca render-se. Que não haja paralelismo entre o real e a linguagem, com isso os homens não se conformam, e é essa recusa, talvez tão velha quanto a própria linguagem, que produz, numa faina incessante, a literatura” (BARTHES, 2013, p. 23).

A ambiguidade contraditória da literatura revela a *mimesis*, que possui a missão impossível, irrealista, que Barthes chama de função utópica. “Essa função, talvez perversa, portanto feliz tem um nome: é a função utópica” (BARTHES, 2013, p. 24). Ao mesmo tempo em que a literatura esforça-se em representar o mundo (o Real), ela o revela, e assim, ventila possibilidades diversas, tentando, por meio da teimosia, instaurar o improvável.

Essa teimosia realizada pela literatura constitui-se, segundo Barthes, num método de jogo. “Ao mesmo tempo teimar e deslocar-se, isso tem a ver, em suma, com um método de jogo”. (BARTHES, 2013, p. 29). O jogo é uma astúcia da Literatura para, de forma lúdica, brincar com a linguagem e com qualquer tentativa de aprisioná-la, de reduzi-la, de enquadrá-la em alguma forma ou estrutura. Esse jogo apregoado pela literatura é a sua terceira força, a qual Barthes chama de *semiosis*.

Jogar com os signos, nesse sentido, é a única alternativa que a linguagem encontra para escapar aos ditames dos discursos do poder, mas este jogo acontece no cerne da própria linguagem. É a trapaça que Roland Barthes aponta como a maneira com que a língua tem para trapacear a língua, na qual ele chama de literatura, sendo a arte de jogar com os signos que constituem determinada língua.

A literatura, vista desta forma, retrata os sentimentos humanos e as diversas formas de relação do Homem com aquilo que sente. Na linguagem literária, as palavras assumem novos significados e representações variadas, permitindo ambiguidades e interpretações diversas. É o jogo com as palavras que permite a libertação do poder opressor da linguagem.

### 2.3 Recepção Literária: interação entre Texto e Leitor

Além dessas concepções, funções e utilidades, a literatura também pode ser compreendida como uma forma de expressão artística, cujo valor estético é formado por um uso especial da linguagem. Sendo assim, o leitor, de posse do objeto de leitura, tem a possibilidade e a capacidade de construir significados a partir de seus próprios objetivos, construídos e alicerçados em sua história de vida.

Neste sentido, de acordo com Regina Zilberman, em *Estética da Recepção e história da literatura* (1989), Hans Robert Jauss introduz na literatura um novo conceito de historicidade literária. O referido autor confirmou ser contra o estruturalismo, expôs críticas ao positivismo, aos métodos interpretativos da leitura comparada, e também critica o marxismo por submeter a arte à infraestrutura econômica e não perceber o caráter inovador e formador da literatura. Além disso, Hans Robert Jauss enfatizou a necessidade de se restaurar o processo dinâmico entre texto e leitor, valorizando a experiência humana e a comunicação como condição da compreensão do sentido. Para ele, estudar literatura não é apenas estudar a vida e a obra de autores, como vem acontecendo em nossas escolas, mas é inserir a obra na história a partir da recepção que o leitor tem desta obra.

Em sua obra, Regina Zilberman (1989) explana que Jauss (1994) apresenta um método de análise literária, segundo sua estética. Este processo é dividido em três partes, baseado na “herança” que teve da Hermenêutica de Gadamer. A primeira parte corresponde ao horizonte progressivo da experiência estética, reconstruindo o texto pela leitura; a segunda, ao horizonte retrospectivo da construção interpretativa; a terceira corresponde à leitura reconstrutiva que permite a elucidação dos aspectos ligados à obra, ou seja, sua compreensão. Assim, esse processo de análise literária de Jauss envolve a compreensão que é o resultado da percepção, a interpretação que acontece quando o leitor lê e desestrutura a obra, e a aplicação que é a recuperação dessa obra ao longo do tempo.

Disso resulta a dupla tarefa da hermenêutica literária: diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. [...]. De um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos (JAUSS, 1994, p.70).

Neste método de análise, a compreensão é o ponto de partida do processo da leitura; a fase ulterior é a leitura retrospectiva, na qual acontece a interpretação. A fase seguinte é a leitura



histórica, que restaura a recepção de que a obra foi alvo ao longo do tempo, é o momento da aplicação. Entretanto, Jauss chama a atenção para o fato de que na compreensão já está o início da interpretação. A interpretação é, assim, a forma explícita da compreensão – que deflagra o processo inteiro. Desta maneira, a compreensão equivale a compreender algo como resposta, se o texto corresponde à pergunta, compreendê-lo, significa responder às perguntas propostas.

Para Hans Robert Jauss, o leitor tem a tendência natural de trazer para a sua realidade fatos de textos ficcionais, e transportar para a ficção fatos de textos históricos, dependendo do entendimento que ele leva consigo, mediante leituras já realizadas, nas quais ele adquire conhecimentos para utilizar posteriormente, em outras obras, que fará a leitura. Assim, Jauss, baseado no saber prévio, estabelece o conceito de horizonte, que seria mudanças conforme as expectativas do leitor. O horizonte, para Jauss, é responsável pela primeira reação do leitor à obra.

Hans Robert Jauss (1994, p. 23) lembra que a relação entre literatura e leitor apresenta uma implicação estética e outra histórica, no qual a obra literária é condicionada, tanto do ponto de vista artístico como histórico, pela relação entre literatura e leitor.

[...] a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas. A implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética (JAUSS, 1994, p. 23).

A relação dialógica de implicações estéticas e históricas condiciona um julgamento, uma avaliação do valor estético em comparação com outras obras lidas anteriormente. Trata, também, da recepção dos leitores, que pode ter continuidade de uma geração à outra, tornando evidente sua qualidade estética.

Neste sentido, a história da literatura não se estabelece numa sequência de fatos literários, mas na interação entre leitor e obra. O leitor torna-se um coprodutor da obra, já escrita pelo autor, no momento em que o contexto histórico do leitor o torna um observador singular desta obra. Deste modo, a historicidade literária acontece com a atualização da obra literária.

Logo, para cada obra lida, no instante da leitura, as reflexões do leitor se fazem atualizadas pelos fatores literários, que os relacionam com os acontecimentos vividos ou lidos por ele, em situações propícias para sua recepção. Para Hans Robert Jauss, “a experiência da

leitura logra libertá-lo das opressões dos dilemas de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas.” (JAUSS, 1994, p. 52).

De acordo com Hans Robert Jauss, cada leitor, ao atestar de forma singular a leitura de um mesmo texto, pode caracterizar uma interpretação extremamente intimista da obra, no momento da recepção. No mesmo sentido, Regina Zilberman (1989, p. 34) afirma que cada leitor reage individualmente a um texto, “mas a recepção é um fato social, uma medida comum localizada entre essas reações particulares.” Dessa forma, o fator histórico é imprescindível para Jauss, que vê o Homem imerso em sua historicidade, sujeito a apresentar a mesma leitura de seus contemporâneos.

Nesta perspectiva, Hans Robert Jauss cria a expressão "horizontes de expectativas", que determina a recepção. O novo apresentado pelo texto literário dialoga com a experiência do leitor. A obra cria expectativa, movimenta sua lembrança e o transporta a determinada postura emocional, examinando a experiência literária do leitor. A obra predetermina a recepção.

Assim como em toda experiência real, também na experiência literária que dá a conhecer pela primeira vez uma obra até então desconhecida há um saber prévio, ele próprio um momento dessa experiência, com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial. Ademais, a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. (JAUSS, 1994, p. 28).

Segundo Hans Robert Jauss (1994), o leitor participa ativamente da obra conforme seu horizonte de expectativa. Relaciona-se com a obra através das experiências trazidas por ele no ato da leitura, pois esta experiência literária, decorrente de um saber prévio, é fundamental para que haja uma relação comunicativa expressiva entre o leitor e o texto.

Para este autor, o valor estético de uma obra surge a partir do pressuposto de que a obra provoca uma percepção estética no leitor. O caráter artístico da obra é imposto pela distância entre esta obra e o horizonte de expectativa do leitor. Logo, quanto menos a obra se aproximar das expectativas, que o leitor possui dela, maior poderá ser seu valor artístico. Isso pode provocar um “estranhamento” que a leitura de uma obra pode proporcionar ao leitor.

Neste sentido, a leitura do texto pode satisfazer o horizonte de expectativas do leitor ou provocar o estranhamento e o rompimento deste horizonte.

A maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua apreciação, atende, supera, decepciona ou contraria as expectativas de seu

público inicial oferece-nos claramente um critério para a determinação de seu valor estético (JAUSS: 1994, p.31).

Segundo Jauss (1994), este valor decorre da percepção estética que a obra é capaz de suscitar. A distância entre as expectativas do leitor e sua realização é denominada por Jauss de “distância estética” e determina “o caráter artístico de uma obra literária”.

A distância entre o horizonte de expectativa e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a “mudança de horizonte” exigida pela acolhida à nova obra, determina, do ponto de vista da estética da recepção, o caráter artístico de uma obra literária. (JAUSS, 1994, p.31).

Como o horizonte de expectativas se modifica no decorrer do tempo, uma obra que surpreendeu pela novidade, pode se tornar banal e com poucos encantos para leitores futuros. Por isso, as grandes obras serão aquelas que conseguirem provocar o leitor de todos os tempos e épocas, aquelas que permitem novas leituras em cada momento histórico vivido.

Jauss (1994) propõe a reconstrução do horizonte de expectativa a partir de algumas relações atuais do texto com a época de sua publicação. Para ele, só há literatura quando um leitor, na recepção de uma obra, leva em conta o seu horizonte de expectativa, considerando seus conhecimentos, comportamentos e ideias pré-concebidas sobre essa obra.

A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita, por outro lado, que se apresentem as questões para as quais o texto constitui uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra (JAUSS, 1994, p, 35).

É importante descobrir como o leitor da época pode perceber e compreender a obra, recuperando o processo de comunicação que se abrigou, no momento em que a obra foi lançada. Para isso, Jauss propõe a recepção de uma obra sob o aspecto diacrônico (relativo à recepção das obras literárias ao longo do tempo) e sincrônico (mostra o sistema de relações da literatura numa dada época e a sucessão desses sistemas), relacionando a literatura com a vida prática, o que mostra a dinâmica interpretativa do leitor no ato da leitura.

Partindo desse pressuposto, Jauss enfatiza que uma obra deve ser vista não somente no momento histórico de sua leitura, mas é necessária uma revisão de leituras anteriores em relação à atual, pois, no momento da leitura, o texto deve dialogar com outras leituras já realizadas. Assim, uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu, sendo necessário situá-la na “sucessão histórica”, levando em consideração a experiência literária que

propiciou. As obras literárias de diferentes épocas se relacionam com os leitores e dialogam com nosso presente.

O novo torna-se também categoria *histórica* quando se conduz a análise diacrônica da literatura até a questão acerca de quais são, efetivamente, os momentos históricos que fazem do novo em uma obra literária o novo; de em que medida esse novo é já perceptível no momento histórico de seu aparecimento; de que distância, caminho ou atalho a compreensão teve que percorrer para alcançar-lhe o conteúdo e, por fim, a questão de se o momento de sua atualização plena foi tão poderoso em seu efeito que logrou modificar a maneira de ver o velho e, assim, a canonização do passado literário. (JAUSS, 1994, p. 45).

Nesta perspectiva, Jauss revela a existência de um sistema de relações na literatura de um determinado momento histórico, havendo uma articulação entre as obras constituintes deste momento. Assim, o leitor percebe as obras da sua atualidade e as relaciona umas com as outras, fazendo da diversidade uma “unidade de um horizonte comum e significativo de expectativas”. (JAUSS, 1994, p. 48).

Com relação ao aspecto sincrônico, Hans Robert Jauss o considera fator importante para a compreensão do leitor num momento específico da historiografia literária. As obras sobressaídas, que geram efeitos, são as que foram feitas análises do simultâneo e das modificações, comparando os cortes e descobrindo os pontos de encontro, com o objetivo de definir seu caráter articulador e ativando o processo da “evolução literária”.

Considerando-se que cada sistema sincrônico tem de conter também seu passado e seu futuro, na condição de elementos estruturais inseparáveis, o corte sincrônico que passa pela produção literária de determinado momento histórico implica necessariamente outros cortes no antes e no depois da diacronia (JAUSS, 1994, p.48).

O escritor determina a reação ocasionada no leitor no momento em que este leitor se encontra com a perspectiva instrutiva, acarretada por um novo texto, que revitaliza, aos seus olhos, sua maneira de tecer comparações com outros textos já vistos pelo leitor, deixando, assim, fluir através da novidade.

Quando se postula sobre concepção de literatura, Hans Robert Jauss, assim como Antonio Candido, relaciona a literatura à sociedade, atribuindo-lhe uma função social. Para ele, a história literária somente cumpre seu papel quando a obra atinge a função social, adentrando no horizonte de expectativa do leitor, alterando seu comportamento social, libertando-o das opressões do dia-a-dia, conduzindo-o a uma diferente visão das coisas.

A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo, e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social. (JAUSS, 1994, p. 50).

De acordo com Hans Robert Jauss (1994, p. 52), a função social se revela no momento em que a experiência literária é inserida no horizonte de expectativas do leitor, quando a literatura colabora para constituir a relação entre outras maneiras de comportamento social. Dessa maneira, o momento da “frustração de expectativas” é o mais importante, não só para as bases de uma nova ciência, mas também para o aumento das experiências de vida.

Segundo Zilbermann (1989), Jauss aponta três atividades simultâneas e complementares da experiência estética: a *poiesis*, na qual o leitor deve participar do processo de criação da obra; a *aisthesis*, momento em que a obra de arte provoca a renovação da percepção do mundo; e *katharsis*, o processo de identificação do receptor com a obra o qual tem uma conotação terapêutica, mas também deve motivá-lo à ação.

Jauss (1994) coloca em evidência a relação literatura e sociedade porque esta relação literária pré-forma à compreensão de mundo do leitor, refletindo, então, em seu comportamento social e assegura que essa leitura literária acende novos caminhos para o leitor, na esfera da experiência estética, pois o leitor será capaz de mentalizar aspectos de sua prática cotidiana através da literatura e será afetado pelo que se representa identificar-se com as pessoas em ação. Dar-se-á, assim, livre curso imaginativo pelas emoções despertadas, como se estivesse compartilhando uma purificação (*katharsis*).

A Estética da Recepção concebe o processo de fruição da leitura como o resultado da união de elementos internos e externos à obra, sendo os elementos internos o próprio texto, e os elementos externos a obra são entendidos como a visão de mundo construída ao longo da história de vida do leitor. Identificar e compreender os caminhos perpassados pelo leitor na recepção da obra literária constitui objeto de estudo desta teoria.

Nessa perspectiva, o ato de ler configura-se como um processo social, fundamental para a atuação do indivíduo na sociedade. Assim, a literatura pode ser compreendida como as expressões artísticas, cujos valores estéticos, formados por um uso especial da linguagem, contribuem para a satisfação da necessidade de fantasia própria do Homem. E o leitor, quando de posse do texto literário, constrói significados a partir de seus próprios objetivos, construídos por sua história de vida.

Segundo Jauss (1994), o caráter estético e o papel social da arte se concretizam no relacionamento do leitor com o texto.

Contudo, a obra literária pode também – e, na história da literatura, tal possibilidade caracteriza a nossa modernidade mais recente – inverter a relação entre pergunta e resposta e, através da arte, confronta o leitor com uma realidade nova, “opaca”, a qual não mais se deixa compreender a partir de um horizonte de expectativa predeterminado (JAUSS, 1994, p. 56).

Para Zilberman (1989, p. 114), o leitor de Jauss “consiste no foco a partir do qual cumpre examinar a literatura à luz da estética da recepção, sendo resultado” e pela emancipação a obra “ao desafiar um código vigente, vai oferecer ao leitor novas dimensões existenciais” (ZILBERMAN, 1989, p.113).

Nesta concepção de literatura, podemos dizer que uma obra literária nunca está completamente pronta, acabada, pois suas possibilidades de interpretação não estão acabadas. Ao entrar em contato com o texto, o leitor impõe sobre ele suas próprias impressões e seu saber prévio, determinando como o texto poderá ser recepcionado, lembrando que a recepção da obra não será igual para todos os leitores como também suas histórias de vida não são as mesmas. Disso resulta a atualização do texto, já que a literatura possui caráter plurissignificativo e atemporal.

Wolfgang Iser amplia estas ideias, explicitando que o texto possui uma estrutura de apelo, que leva o leitor a converter-se numa peça essencial da obra, que pode ser compreendida somente enquanto uma modalidade de comunicação. Para ele “[...] é sensato pressupor que o autor, o texto e o leitor são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento, que produz algo que antes inexistia”. (1979, p.105).

Iser propõe o conceito de jogo sobre a representação, tentando garantir todas as operações, que acontecem no processo textual. Para ele, os autores jogam com os leitores e o texto é o palco do jogo. O mundo textual deve ser imaginado não como realidade de fato, mas como se fosse realidade. Todavia, há uma diferença respeitável, que deve ser levada em consideração, a saber, o que acontece neste mundo textual não tem as consequências próprias do mundo real referido. Assim, pode ser considerado um jogo, que contribui para que a literatura possa ser vista como uma obra de arte.

Sendo vista como uma obra de arte, a literatura, ainda que tenha a capacidade de abrandar momentaneamente sensação de descontinuidade e incompletude do ser humano, não tem o poder de trazer, definitivamente, paz ao espírito, mas, sim, provocar sentimentos de indagações e angústias. A Arte, de maneira geral, não traz certezas e respostas, pois elas são

manifestações da incerteza humana. Essas manifestações, que se expressam por meio da literatura, proporcionam possibilidades para sermos outros, podermos viver como os outros, podermos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda sim, sermos nós mesmos. Isso possibilita, também, interiorizarmos com magnitude as “verdades” expressadas pela poesia e pela ficção.

Regina Zilberman (1989) afirma que a leitura deve ser compreendida como uma trama entre autor e leitor, reconhecendo a obra como uma via de mão dupla, em que o seu significado depende praticamente dos sentidos que o leitor deposita nela. De acordo com as palavras de Jauss

O texto poético se torna compreensível na sua função estética apenas no momento em que as estruturas poéticas, reconhecidas como características no objeto estético acabado, são retransportadas, a partir da objetivação da descrição, para o processo da experiência com o texto, a qual permite ao leitor participar da gênese do objeto estético. (JAUSS, 1983, p. 307)

Jauss crê, assim, no texto como produto do leitor, em que o sentido passa a equivaler a um acontecimento, que ocorre durante o processo da leitura. Ocorre porque o texto não é uma estrutura fechada, pois se encontra acessível e aberto a diversas interpretações e intenções de recepções. Deste modo, o texto perde sua objetividade, pois fica submetido à experiência proporcionada pela leitura do receptor.

Uma obra de arte literária somente se efetivará no momento em que o leitor a legitimar como tal, passando a se tornar necessário descobrir qual o “horizonte de expectativas” que está intrincado nessa obra. Considerando o leitor como aquele que tem papel ativo no processo de recepção da obra, o horizonte de expectativa pode ser compreendido como a experiência social, acumulada dos leitores, que devem ser compreendidas como determinante para a efetivação plena da compreensão da obra. Por conseguinte, o horizonte de expectativas de cada leitor é único e inteiramente relacionado ao modo pessoal e subjetivo com que esses receptores absorvem a obra.

Nesse percurso, merece destaque a posição de Goulemot (1996):

Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e o elitismo não escaparam a ninguém. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido. A leitura é uma revelação pontual de uma polissemia do texto literário (GOULEMOT, 1996, p. 108).

Ao conceber a leitura dessa maneira, Goulemot crê que o sentido na leitura nasce não somente do texto em si, mas, também, do seu exterior cultural. Isso porque é exatamente a biblioteca cultural, que fornece a comparação, a medida e o tempo da intertextualidade que fundamenta a leitura, uma vez que “o livro lido ganha seu sentido daquilo que já foi lido antes dele, segundo um movimento redutor ao conhecido, à anterioridade”. (GOULEMOT, 1996, p. 115).

Dessa maneira, o papel do leitor é evidenciado, pois ele passa a ser visto como o elemento principal de um sistema literário, realçando a importância da relação dialógica entre texto e leitor. Dessa forma, é possível haver a concretização do sentido de uma obra, levando o leitor à compreensão do texto literário.

Para a estética da recepção de Hans Robert Jauss, o leitor é considerado elemento fundamental no processo da leitura. A interpretação que o leitor faz do texto estará sempre vinculada a sua experiência de vida e a sua experiência como leitor. Desta maneira, o leitor e sua relação com o texto servirão de base fundamental para se repensar o fenômeno literário e a história da literatura, pois “a historicidade da literatura não repousa numa conexão de “fatos literários” [...], mas no experimentar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores”. (JAUSS, 1994, p. 24).

Visto desta forma, o leitor tem o poder de abrir o texto literário, fechado e visto como se fosse apenas um simples objeto escrito, transformando-o em uma obra histórica aberta, com diversas perspectivas de compreensão e interpretação, oferecidas pelo próprio texto, porque o processo receptivo de leitura implica a participação ativa e criativa do leitor sem afetar a autonomia textual. Sendo assim, o texto é concebido como o espaço no qual o leitor constrói suas representações, em que ele pode descobrir respostas para seus questionamentos. Em virtude disso, quanto maior for a distância entre o horizonte de expectativas do leitor em relação ao texto, mais esse texto poderá trazer o novo ao leitor.

A partir dessa ótica, a Literatura pode contribuir muito para o desenvolvimento das capacidades leitoras do aluno, ao mesmo tempo em que dá a possibilidade de ampliar seus horizontes linguísticos, históricos e culturais. Portanto, o principal foco da literatura, na escola, deveria ser o diálogo entre o texto e o leitor/aluno, mediado pelo professor, em alguns momentos, dando voz cada vez maior ao aluno, transformando-o gradativamente em protagonista dos textos lidos.



## 2.4 Leitura para Fruição – Prazer e Aquisição de Conhecimento

Ao fazer uma leitura, temos um objetivo a alcançar. Lemos, com finalidades diversas, para seguir instruções de um manual, para aprender a fazer uma comida, para estudar para uma prova, entre outros objetivos. A leitura para fruição é um dos vários objetivos da leitura. Nela, podemos perceber a beleza da linguagem, sentir emoções diversas, compartilhar conhecimentos, sonhar com outros mundos e conhecer novas realidades.

A leitura para fruição proporciona prazer, gozo, apropriação do texto pelo leitor. É uma leitura, que transmite emoções e provoca uma sensação de que ler é um processo livre e natural, que traz liberdade de escolha e expressão ao indivíduo. O texto literário, além de várias outras funções, tem essa finalidade. Ele é essencial para que os alunos tomem gosto pela leitura, pois é emocionante e surpreendente. A poesia é fundamental nesta questão, tendo em vista que ela é arte pura, linda, prazerosa, divertida e move nossos sentimentos.

A poesia não é mais do que uma brincadeira com as palavras. Nessa brincadeira, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo: isso aí é também isso ali. Toda poesia tem que ter uma surpresa. Se não tiver, não é poesia: é papo furado. (ABRAMOVICH, 1997, p. 67).

A brincadeira com as palavras e seus sentidos é o jogo da linguagem que surpreende. A literatura, neste sentido, encena o jogo das palavras, que deve ser percebido, interpretado e compreendido pelo leitor. O escritor, pelo poder que possui, no manejo da língua e pelas forças da liberdade, que a literatura lhe propicia, “brinca” com o leitor, que precisa entrar no jogo para poder descobrir o prazer e os sentidos que o texto pode lhe proporcionar.

Diante disso, a leitura para fruição pode contribuir para a formação do leitor criativo e reflexivo, pois abre os horizontes ilimitados da literatura, proporcionando várias interpretações do mundo, já que o texto literário tem natureza polissêmica. Este tipo de leitura é importante, também, porque fornece, como nenhum outro tipo de leitura, os instrumentos necessários para que o leitor possa conhecer e interagir de forma competente com o mundo da linguagem.

Nesse sentido, a contribuição da leitura literária na formação de leitores depende do prazer proporcionado pela própria leitura, que passa pela interação significativa entre leitor e texto. Essa interação é um processo de comunicação no qual o leitor pode adentrar no texto literário e se encantar, sentir diversas emoções, além de abstrair os mais diversos conhecimentos. Tudo isso proporciona o prazer e o gosto pela leitura, o que se adquire com essa prática, já que ninguém nasce gostando de literatura, mas se aprende a gostar.

Conforme Barthes (1996), um texto lido com prazer significa que foi escrito com prazer. Entretanto, o prazer do autor, ao escrever, não garante o prazer do leitor no momento da leitura, pois a recepção do texto depende de cada leitor individualmente. Por isso, é preciso haver um jogo entre autor e leitor, no qual haja um espaço deixado pelo escritor para que o leitor se insira no texto no momento da leitura.

Se leio com prazer esta frase, esta história ou esta palavra, é porque foram escritas no prazer (este prazer não está em contradição com as queixas do escritor). Mas e o contrário? Escrever no prazer me assegura – a mim, escritor – o prazer de meu leitor? De modo algum. Este leitor, é mister que eu o procure (que eu o “drague”), sem saber onde ele está. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo. (BARTHES, 1996, p. 9).

Para Roland Barthes, o texto é um corpo, um objeto de prazer dotado da capacidade de envolver a vida do leitor, através de fragmentos, jatos de coexistência entre leitor e autor. O autor joga com o leitor, mas não como um ser inalcançável, independente do leitor, pois ele não tem como prever a leitura que o leitor fará do seu texto, sendo preciso haver um espaço de abertura para entrada do leitor no texto literário. Dessa impossibilidade de saber a leitura, que cada pessoa faria do texto que o autor escreveu, resulta um dos prazeres do texto.

Neste sentido, a simples leitura não garante análise, reflexão crítica, fruição ou prazer. É preciso haver envolvimento profundo com o texto, explorar, ao máximo, as palavras e as potencialidades do texto literário, propiciando condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido. Essa busca fomenta o exercício de reflexão e de formação de consciência crítica, contribuindo significativamente com a formação do leitor. No entanto, esse exercício de reflexão precisa ser feito de forma lúdica e não de forma enfadonha como vem sendo realizado nas escolas, para que o leitor não se distancie da literatura.

Na sala de aula, os textos literários precisam fazer parte da rotina dos alunos e professores. Não é possível desenvolver uma leitura para fruição sem a presença de textos que despertem o verdadeiro sentido do prazer de ler. No ambiente escolar, este tipo de texto está restrito a questões meramente pragmáticas e de ensinamentos didáticos, desconsiderando as principais características e função social da literatura.

O hábito da leitura e a atitude de gostar de ler, geralmente, são construídos no espaço familiar, num ambiente em que a criança percebe que a escrita é importante para ela e internaliza a leitura como um ato prazeroso e necessário. Para isso, ela precisa ter os adultos como modelo de bons leitores. Assim, não é preciso que ela aprenda a ler para ter acesso à leitura, pode iniciar

no mundo maravilhoso das letras e da literatura por meio do ouvir as leituras, sendo feitas por outras pessoas e, também, lendo as imagens ilustrativas de livros de literatura infantil.

O grande problema é que, na maioria das vezes, o aluno inicia seu contato com a leitura por meio da escola. Geralmente, o texto entra na sala de aula e é apresentado aos alunos por meio do professor, e nem todos podem ser considerados exemplos de leitores. Talvez, a maioria dos professores ainda não tenha consciência da sua importância e do valor que os livros têm na vida de seus educandos. Para que ele possa fazer do seu aluno um grande leitor, precisa ter consciência de sua própria relação com o livro e com a importância do hábito de ler. É preciso que os educadores tenham a leitura como algo prazeroso e, em muitas ocasiões, utilizem-na como uma forma de lazer.

Para mudar, ou, pelo menos, amenizar esta realidade, é preciso superar a concepção escolar da leitura como objeto de ensino. A escola precisa desenvolver no aluno a concepção de leitura não como o cumprimento de um dever, mas como um espaço privilegiado de reflexão do mundo, no qual é possível encontrar realidade e fantasia, conhecimentos e sentimentos, encanto e poesia. Entretanto, a escola não tem obtido êxito em sua tarefa de criar no aluno o hábito de ler, de incorporar a leitura às atividades do seu cotidiano.

Este hábito é fundamental para formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, capazes de atuarem ativamente na sociedade. Todavia, o hábito, por si só, não é suficiente para formar leitores competentes. É necessário, também, desenvolver o gosto pela leitura. Essa tarefa, no entanto, requer que a leitura seja trabalhada numa concepção ampla, e que os textos utilizados pelo professor sejam capazes de conduzir o aluno ao descobrimento de sua capacidade libertadora e criativa, desenvolvendo, em cada texto, a sua própria leitura. O tipo de texto ideal para tal façanha é, por excelência, o texto literário.

Contudo, a realidade da leitura literária nas escolas ainda aponta alguns equívocos. A literatura vem sendo negligenciada ou trabalhada de forma equivocada pela maioria das escolas e de professores, como já dissemos anteriormente. Para que a leitura de fruição se efetive de fato é necessário que na escola seja proporcionada ao aluno uma grande variedade de tipos e gêneros textuais. Os textos literários, como os poemas, muitas vezes rejeitados por professores e desconhecidos pelos alunos, podem cumprir um papel muito importante, pois são capazes de demonstrar a realidade e interagir com nossas vidas, nossos sentimentos e emoções.

Nessa perspectiva, é preciso haver uma mudança de postura da escola e dos adultos (exemplos de leitores) em relação ao livro. Um dos pontos cruciais a ser superado pela escola é a leitura com cobrança como um fim em si mesmo, pois, provavelmente, um dos motivos do desinteresse dos alunos é a leitura condicionada à cobrança sem significado. O aluno prefere

atividades, nas quais não é obrigado a fazer relatos, muitas vezes sem sentido, e não necessita fazer uma avaliação sobre o assunto. Para mudar esse quadro, em muitos momentos, os alunos deveriam ler por prazer e não por obrigação.

Para isso acontecer é preciso que o educador reflita e mude sua prática pedagógica. A leitura precisa ser vista como uma possibilidade de indagar, pesquisar, criar, recriar, de maneira que a literatura venha a ter uma função real para a vida do educando, que seja, ao mesmo tempo, social recreativa e estética. Contudo, isso acontecerá somente quando a própria literatura for vista como um valor para a Humanidade, o que auxiliaria a escola na melhoria do ensino e da aprendizagem.

A escola precisa mudar urgentemente essa realidade. Suas práticas escolares de leitura não estão sendo eficientes e não demonstram preocupação em proporcionar formas de lazer através da leitura para desenvolver nos alunos a competência leitora.

[...] sabemos que a leitura é uma forma ativa de lazer [...] seria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer – aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo. A literatura teria papel relevante neste aspecto. (CUNHA, 1983, p.47).

Nesse sentido, conhecimento e prazer se encontram no texto literário. No entanto, no espaço escolar parecem antagônicos, sem relação um com o outro, já que muitos educadores não veem na literatura uma forma de conhecimento nem muito menos de prazer. Assim, o texto literário perde a sua essência, sendo trabalhado como um texto qualquer, sem o reconhecimento do seu poder de transformação social.

Enquanto o texto literário estiver apenas escolarizado e trabalhado de maneira descaracterizada e equivocada, a leitura na escola continuará a possuir objetivos estranhos a real necessidade e ao interesse do aluno. Faz-se necessário, portanto, haver uma mudança de concepção e compreender que esses objetivos devem ser determinados de maneira que contribuam para a formação dos objetivos estéticos e pessoais e, conseqüentemente, colaborem para a fruição da leitura.

Para favorecer a leitura prazerosa é importante que o professor tenha a preocupação e o cuidado na seleção, organização e no tratamento dos textos. Para instaurar o prazer do texto literário em sala de aula é necessário que o professor seja um leitor competente e que leia por prazer e não apenas por obrigação para que, assim, o aluno se sinta estimulado a fazer leituras como forma de lazer. Esse tipo de leitura é importante para a formação do aluno leitor, para a

consolidação de uma prática de ensino em que o lúdico seja um dos caminhos para se alcançar à formação crítica do leitor.

Possivelmente, o grande problema da falta de estímulo para o aluno ler seja o fato de que o prazer da leitura, infelizmente, está perdendo espaço nas atuais circunstâncias do aprendizado escolar. A fragmentação dos conteúdos obriga o leitor a assimilar conhecimentos específicos, descontextualizados, meramente instrucionais, fazendo com que as práticas leitoras percam espaço e o encanto. Devido a isto, a leitura tem se transformado em atividade corriqueira e enfadonha, privando o aluno de situar-se enquanto ser social em todas as suas dimensões.

As práticas pedagógicas, no interior de nossas escolas, priorizam apenas a transmissão de conhecimentos, desprezando o caráter dialógico da leitura. Dessa maneira, o aluno utiliza o texto apenas para buscar respostas praticamente prontas, sem a necessidade de fazer leituras mais aprofundadas, que contribuiriam para a fruição e, ao mesmo tempo, para a aquisição do conhecimento, que a escola tanto prioriza. No entanto, o modo como vem sendo realizada esta leitura transforma o contato com o texto numa experiência limitada e desprazerosa.

A exigência da escola com leitura, para avaliações e tarefas convencionais pouco atraentes, não está atrelada à satisfação, possivelmente, por isso não tenha boa aceitação por parte dos alunos. Fica evidente que na escola se valoriza muito a concepção de que a presença da espontaneidade e do prazer exclui a seriedade das ações educativas. Tal concepção cria certa insatisfação por parte dos alunos, que acabam cultivando um sentimento de indiferença em relação aos livros, transformando uma ação, que deveria ser prazerosa, em um ritual enfadonho de reconhecimentos de signos linguísticos.

Por tudo isso, a escola deve trabalhar a leitura para fruição, deixando de lado o pedagogismo exagerado das atividades didáticas formais. Este tipo de leitura se tornará possível, no momento em que as ações da instituição escolar estiverem voltadas para o desenvolvimento pleno do leitor, promovendo uma leitura para fruição, que passe pelo ensino da literatura, pois é no texto literário que ela se concretiza. Neste tipo de leitura são estabelecidos vínculos com outras realidades, outras culturas, mostrando o mundo de forma diferente e revelando melhor como ele funciona para tentar compreender melhor a realidade que circunda o ser humano.

### 3 UMA NOVA ABORDAGEM DO TEXTO LITERÁRIO

Ao longo dos tempos, a História da Literatura sempre foi a história dos autores e dos textos. O ensino tem sido realizado, na grande maioria das vezes, privilegiando o aspecto cronológico da história literária. Tentando modificar algo nessa metodologia é que se propõe esta pesquisa, buscando, na concepção de autores renomados, como Antonio Candido, Roland Barthes e Octavio Paz, além de Hans Robert Jauss com sua “Teoria Estética da recepção”, alternativas para apresentação da Literatura aos alunos sem eliminar a história, mas aproximando autores e leitores, considerando a literatura como linguagem artística, enfatizando o texto literário como um campo do jogo e evidenciando o poema como um texto capaz de proporcionar o prazer e, ao mesmo tempo, o conhecimento.

Neste trabalho, faz-se necessário estabelecer uma relação do texto literário com o leitor. Para isso, é preciso que se perceba a forma como a literatura tem sido trabalhada no interior de nossas escolas e que se proponha uma nova abordagem do texto literário, mediada pelo professor, que seja capaz de suscitar no aluno alguns sentidos e emoções, que a literatura é capaz de propiciar.

Para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se por fazer uma pesquisa bibliográfica, uma vez que já existem estudos suficientes, que podem contribuir, significativamente, para um levantamento de ideias e conhecimentos, que possam ser reunidos para a apresentação de uma proposta teórico-metodológica capaz de minorar os problemas enfrentados no estudo da literatura.

Neste estudo, é preciso que se explicita, além da concepção de literatura desses autores, a função que ela exerce na vida do ser humano, bem como tentar conscientizar os leitores de que a literatura é um direito universal, que deve ser exigido pela sociedade, conforme Antonio Candido. Além disso, pretende-se, também, explicitar que a questão da recepção contribui com a prática escolar da leitura literária, pois reflete sobre algumas condições de existência da literatura, que contribuem para que a escola transforme a leitura literária em uma atividade mais significativa.

Esperamos que este trabalho possa contribuir, de maneira significativa, para um resgate da poesia, como texto literário indispensável na sala de aula, que colabore para o desenvolvimento leitor do aluno, acrescentando-lhe o gosto por fazer leituras literárias, especialmente de poesias, fornecendo-lhe condições para que ele se beneficie da cultura advinda desses textos, que podem transformar aquele em um leitor mais crítico, mais reflexivo, desenvolvendo sua capacidade discursiva. Esperamos, também, que este estudo possibilite uma

nova compreensão sobre a forma de análise e interpretação de textos literários, no contexto de sala de aula, colaborando na construção de uma proposta metodológica de abordagem de textos literários, a fim de que seja utilizada no Ensino Fundamental com o objetivo de colaborar para a melhoria do ensino da literatura na escola. Para isso, é necessário apresentar uma nova forma de se abordar o texto literário e de se conceber a função do leitor.

A metodologia de abordagem sugerida para a interpretação do texto literário, em sala de aula, permite que os alunos compreendam e valorizem a literatura como uma verdadeira obra de arte, que deve ser contemplada e analisada em seus mínimos detalhes. A proposta possibilita a ampliação das perspectivas de leitura dos alunos e promove melhores condições para formação de leitores competentes, pois a metodologia proposta confere novos significados ao texto e ao leitor.

A proposta teórico-metodológica será exposta por meio de um caderno de análise e interpretação de textos literários, que será apresentado, como anexo, no final deste texto. Este caderno traz alguns conceitos e teorias que servem de base para o professor fundamentar suas concepções a respeito da leitura literária na escola. Além disso, apresenta, também, um roteiro para leitura, análise e interpretação de textos literários. Esta proposta pretende contribuir com o professor no seu trabalho como mediador do texto literário.

### **3.1 O Professor como Mediador entre Texto Literário e Leitor**

Nessa abordagem proposta, o texto precisa ser considerado como um campo de jogo no qual as palavras podem ser manipuladas por meio de um disfarce de sentido. A forma disfarçada da linguagem, Barthes chama de trapaça da língua pela língua, ou simplesmente literatura. "Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura." (BARTHES, 2013, p. 17).

Nela visto, portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. (BARTHES, 2013, p. 17).

Roland Barthes chama de texto o “tecido dos significantes que constitui a obra” (BARTHES, 2013, p. 17). O foco que ele dá ao texto advém do fato de considerá-lo como o

autêntico manifestar da língua, sendo o ambiente ideal para se travar o combate contra o poder nela manifestado para arditosamente dele se afastar. Fica evidente que a preocupação de Barthes reside na forma de como o texto literário se organiza na procura por ludibriar a língua, estabelecendo, assim, um avesso do poder.

Este autor assevera que na literatura está a liberdade necessária para a criação da língua, uma vez que considera a Literatura como uma transgressão. Segundo Barthes, a literatura exercita a liberdade na medida em que ocasiona um deslocamento na ordem da linguagem, e atua sobre a língua, mediante a configuração da forma com que se consuma no texto literário, revelando as forças da literatura: *mimesis*, *mathesis* e *semiosis*, libertando o texto literário.

Pela *mimesis* ocorre a tentativa de representação do Real, recriação da realidade, na obra literária, pois sendo o real uma ordem pluridimensional e a linguagem unidimensional não é presumível que haja um paralelismo entre eles. Ainda assim, a literatura continua investindo nesta luta insólita na impossibilidade de representação do Real pela linguagem.

Nesse sentido, a literatura pode ser considerada como irrealista e utópica, pois “sempre tem o real por objeto do desejo” (BARTHES, 2013, p. 23). Ela deseja o impossível, configurando uma utopia, já que o real foge à literatura, que incessantemente o busca. A utopia não freia o poder; a utopia da língua pode ser recuperada “como língua da utopia” (BARTHES, 2013, p. 25). Ao autor resta o deslocamento e/ou a teimosia, ocasionando a entrada no jogo da linguagem.

Este jogo com as palavras acontece por meio da dimensão estética. Segundo Rildo Cosson (2014), ele se dá por meio da experiência estética do mundo, através da palavra, instigando os sentidos, os sentimentos e a intimidade do leitor, já que existe uma relação tateável, visória, emocional do leitor com o texto literário. Ele chama de “aprendizagem da literatura”.

Por meio da *mathesis*, “a literatura assume muitos saberes”, pois “todas as ciências estão presentes no monumento literário”. (BARTHES, 2013, p. 18-19). Neste aspecto, a literatura pode ser considerada realista: ela é a realidade, pois faz esses saberes girarem. “Através da escritura o saber reflete incessantemente sobre o saber” (BARTHES, 2013, p. 20). Desta maneira, “as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa” (BARTHES, 2013, p. 21).

Para Cosson (2014), essa é “a aprendizagem por meio da literatura”, que está relacionada aos saberes e às habilidades proporcionadas aos alunos pela prática da leitura literária, ampliando o universo cultural do leitor por meio dos diversos temas humanos, sociais,



políticos, religiosos, ideológicos, filosóficos, entre outros, que são frequentemente abordados nos textos literários.

A *semiosis* “consiste em jogar com os signos” (BARTHES, 2013, p. 28). Essa força da literatura concede várias possibilidades de significação ao texto literário, pois está voltada para estes diversos significados possíveis do texto, que são proporcionados por meio do jogo com a linguagem.

Pode-se dizer que a terceira força da literatura, sua força propriamente semiótica, consiste em jogar com os signos em vez de destruí-los, em colocá-los numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram. (BARTHES, 2013, p.29-30).

As três forças da literatura apontadas por Barthes (2013) estão presentes no texto literário. Abrangem, de certa forma, o prazer do texto, se considerarmos que ele possui vários prazeres. Por meio destas forças, é possível também jogar com o saber, com a realidade, com os signos, numa espécie de prazer lúdico. Entretanto, embora o escritor tenha produzido o texto, ele não pode ser considerado o único proprietário da obra e nem estabelecer plenamente as regras do jogo, pois ele não escreve para um leitor determinado, mas, sim, para um leitor hipotético.

Para Roland Barthes, o texto tem natureza plural. A leitura desencadeia o jogo, que apresenta novos significados ao texto, tornando-o novo. Tal jogo acontece por meio da relação entre leitor e texto. O referido autor afirma em *O Prazer do Texto* que “Na cena do texto não há ribalta: não existe por trás do texto ninguém ativo (o escritor) e diante dele ninguém passivo (o leitor); não há um sujeito e um objeto”. (BARTHES 1996, p. 24). A partir do ato da leitura, existe a possibilidade de o leitor se transformar porque não é passivo. Sendo assim, autor e leitor desempenham partes iguais no jogo da imaginação.

Outro fator relevante para a expansão do ensino de literatura na escola, e que se pretende deixar claro aqui, é o papel do professor, que, nesta metodologia de abordagem do texto literário deve assumir o papel de mediador da obra literária. O professor precisa criar condições para que isso aconteça, proporcionando espaço em sala de aula para que o aluno tenha acesso aos textos e de fato o leia, pois, a leitura é um processo que está intimamente associado ao ensino de literatura, aprimorando o processo de ensino e aprendizagem e, contribuindo para a formação de novos leitores.

Segundo Cosson (2014), o professor não pode propagar a ideia convencional de se conceber o texto literário como um monumento, que é levado para a sala de aula somente para

ser admirado pelos alunos. Ele deve demonstrar que este tipo de texto precisa fazer parte do convívio dos educandos e ser explorado rotineiramente em sala de aula, tendo o professor como orientador dessas leituras, levando a exploração de todas as características textuais possíveis.

[...] é seu dever explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades deste tipo de texto. Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos. (COSSON, 2014, p. 29).

Diante disso, o papel do professor como mediador consiste em tentar sensibilizar o aluno para a recepção e exploração das potencialidades do texto literário, através de leituras, que levem a uma intimidade maior com o texto. Um contato mais próximo permite um maior envolvimento, que promove a apropriação do texto a partir da experiência estética. Assim, o professor estará contribuindo para a formação de um leitor literário mais autônomo, que pode encontrar na obra um sentido para ele e, também, para a sociedade em que vive.

É preciso que o professor leve os alunos a entender que o ato de interpretar um texto literário não pode se basear apenas nas atividades de interpretação propostas pelos livros didáticos, pois as questões apresentadas não levam os alunos a fazerem as reais reflexões para a compreensão e absorção dos conhecimentos, que o texto pode proporcionar. Além disso, o professor mediador, na interpretação de uma poesia, não pode somente cobrar dos alunos a forma de apresentação do poema sobre a página, como a disposição das palavras, a quantidade de versos e estrofes, a identificação das rimas, como é tradicionalmente feito. O professor deve tentar fazer do texto literário motivo de apreciação lúdica e de motivação para a construção da identificação do aluno com o texto e, além disso, construir, também, diversos saberes. Por meio de estratégias capazes de aguçar a sensibilidade do aluno, pode incentivá-lo a se interessar, cada vez mais, pela leitura literária. Para tanto, os gêneros literários devem fazer parte da rotina da sala de aula.

Outra estratégia muito interessante, que pode ser utilizada pelo professor, no estudo da literatura, na escola, é associar imagens aos textos, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. É uma estratégia muito produtiva para a interpretação de poesias, pois estimula os alunos a refletirem e aguçarem a criatividade e contribui, significativamente, para a formação de leitores porque temos uma geração muito ligada ao "visual", sendo, portanto, muito interessante que as imagens acompanhem as leituras. As inferências ficam mais fáceis quando os alunos veem e não só ouvem sobre determinado assunto.

É importante que o professor desperte nos alunos o interesse e o gosto pela leitura de poesias porque o poema é enriquecedor para a formação do indivíduo.

A poesia promove uma ampliação dos modos de ler. A simples decodificação pode ser superada ganhando novos contornos com a leitura de poemas, pois durante esse evento não há simplesmente a inserção das crianças num mundo criado pelo texto, mas também um perambular pelos processos linguísticos que o constituem. (GEBARA, 2011, p. 14).

São diversas as maneiras de se trabalhar com a poesia em sala de aula, no Ensino Fundamental, sobretudo nos anos iniciais. Entretanto, é interessante que a leitura oral sempre esteja presente, sendo uma metodologia básica, porque a poesia tem no seu ritmo um grande poder de encantamento. Assim, a leitura oral pode ser um instrumento bastante útil para atrair o aluno e envolvê-lo no ensino de literatura, aguçando a criatividade e despertando para o aprofundamento dos sentidos do texto.

Para que a poesia cumpra sua função e seja encarada como uma verdadeira obra de arte e ganhe nova forma, novos significados, é necessário que os textos poéticos sejam realmente lidos e interpretados pelos alunos. Para isso, é preciso que o professor utilize estratégias variadas para o incentivo à leitura, tenha boas sugestões para leitura de poemas na sala de aula, possibilitando que os alunos compreendam o sentido da poesia e, assim, possa se sensibilizar e criar novas ideias e possibilidades.

É preciso que se exponha que a expressão "horizontes de expectativas", criado por Hans Robert Jauss, determina a reação do leitor à obra literária através da recepção. Assim, o novo apresentado pelo texto literário dialoga com a experiência do leitor, pois a obra cria expectativa, aguça a sua lembrança e o conduz a determinada postura emocional.

O caso ideal para a objetivação de tais sistemas histórico-literários de referência é o daquelas obras que, primeiramente, graças a uma convenção do gênero, do estilo ou da forma, evocam propositadamente um marcado horizonte de expectativas em seus leitores para, depois, destruí-lo passo a passo – procedimento que pode não servir apenas a um procedimento crítico, mas produzir ele próprio efeitos poéticos (JAUSS, 1994, p. 28).

Nesta concepção, o texto literário é visto como uma obra de arte. Segundo Hans Robert Jauss, a obra de arte não tem um valor inalterável e sagrado, sendo que sua temporalidade é expressa por meio das respostas dadas por cada novo leitor. O foco, assim, será o leitor e a recepção, levando ao rompimento gradativo da atitude sacralizadora da arte. Assim, a obra deve

se libertar do sistema de respostas pré-estabelecidas para ser compreendida, efetiva e plenamente, por seu destinatário.

Nesta compreensão, a abordagem que se pretende que os professores apliquem, em sala de aula, propõe que o relacionamento entre texto e recepção do leitor seja compreendido de forma que as interpretações sejam instáveis e mudem ao longo do tempo, podendo, então, parar de provocar as reações que causaram anteriormente. É preciso que se compreenda que, para a Estética da Recepção, o leitor não é um mero reproduzidor. O leitor precisa ser visto como alguém que não recebe de forma passiva e acabada o conhecimento que lhe é apresentado, mas, sim, um indivíduo que, por meio de seus possíveis questionamentos, transforma o objeto recebido.

A fim de que a escola se adeque a esta concepção de ensino de literatura, aqui pretendida, é necessário compreender que leitor e texto devem manter uma relação em que exista uma troca de experiências, uma interação produtiva em que um depende do outro para realização. Assim, a Estética da Recepção apresenta-se como relevante, na medida em que pode trazer contribuições importantes para a prática da leitura de poesia na escola, ampliando as perspectivas de leitura dos alunos. Isto valoriza, especialmente, o ato da leitura, ou o momento de contato com o texto literário, sendo importantes para a distinção do elemento artístico. E dessa maneira, o trabalho artístico do autor transforma-se em objeto estético do leitor.

Segundo Wolfgang Iser, o leitor chega à concretização quando realiza o preenchimento criativo das lacunas de sentidos trazidas pelo texto. Desta maneira, o leitor dialoga literalmente com o texto, no ato da leitura, momento em que se apresentam os horizontes históricos do leitor e do texto, que são muitas vezes diferentes e precisam fundir-se para que haja o processo de comunicação.

Refletindo sobre o texto literário e sua recepção, é importante levar em consideração os elementos da historicidade do texto e dos leitores. Jauss ressalta a importância do diálogo entre História e Arte.

[...] se deve buscar a contribuição específica da literatura para a vida social precisamente onde a literatura não se esgota na função de uma arte da representação. [...] O abismo entre literatura e história, entre conhecimento estético e o histórico faz-se superável quando a história da literatura não se limita simplesmente a, mais uma vez, descrever o processo da história geral conforme esse processo se delineia em suas obras, mas quando, no curso da 'evolução literária', ela revela aquela função verdadeiramente constitutiva da sociedade que coube à literatura, concorrendo com as outras artes e forças sociais, na emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais. (JAUSS, 1994, p. 57).

É possível perceber que a abordagem da Estética da Recepção propicia uma teoria instigante para o trabalho com a leitura de poesias em sala de aula, uma vez que, para além dos processos de análises de textos, pode-se articular a presença dos elementos externos (históricos) no texto, que propicia o desenvolvimento dos procedimentos de interpretação, não o compreendendo apenas como representação de um momento histórico, mas como uma força política atuante no âmbito das relações sociais.

De acordo com Hans Robert Jauss, o caráter artístico de um texto é efetuado pelo efeito que ele causa em seus leitores. Cabe à história literária articular “tanto a recepção atual de um texto quanto sua recepção ao longo da história” e cabe a ela, também, articular “a relação da literatura com o processo de construção da experiência de vida do leitor.” (JAUSS, 1994, p. 42). O valor do caráter estético de um texto é efetivado por quem o recebe, alcançando ou superando seus horizontes de expectativas.

Diante disso, discutir o texto poético em sala de aula é extremamente relevante, seja pela própria estrutura desse tipo de texto, que provoca o leitor, modificando constantemente suas expectativas, seja pela experimentação das representações da realidade, que cercam o ser humano. Isso acontece porque o texto literário apresenta múltiplas possibilidades de interpretação

Contudo, é preciso fazer uma ressalva, pois existe uma ideia de que o texto literário abre espaço para todo tipo de interpretação. Ele é plurissignificativo, porém nem todas as interpretações são possíveis, o que faz com que o valor do texto atue como um regulador de interpretações, tornando a interpretação condizente com a leitura e compreensão do texto e da própria experiência do leitor. É preciso deixar claro que o limite é definido pelo próprio texto. Essa ideia encontra terreno fértil na esfera escolar, podendo ser aplicadas no Ensino Fundamental, restando ao professor de literatura a preparação de aulas, que tenham como centro o texto literário.

Segundo Jauss (1994), o objeto da literatura é o próprio texto literário e o efeito que a leitura causa está condicionada aos juízos históricos do leitor. Conforme o autor, o conhecimento prévio influencia na atualização da leitura de forma individualizada em cada leitor, pois cada leitor tem uma recepção diferente da obra lida. Assim, a Literatura é considerada uma das artes que deve ser ensinada na escola e que deve ter presença constante na sala de aula. Além do mais, deve ser dada a Literatura uma importância igual a que é concedida as disciplinas do currículo escolar.

Ao entrar em contato com o texto, o leitor impõe suas próprias impressões, convicções e seu conhecimento prévio. Outro fator que privilegia o leitor é a prerrogativa que tem de decidir

o tempo em que irá ler o texto, determinando como o texto literário será recepcionado. Dessa recepção resulta a atualização do texto, que amplia suas possibilidades de reconstrução e auxilia no processo de crescimento do leitor.

[...] ao ler, o leitor experimenta uma situação desencadeada tão somente pela leitura: ele consegue ocupar-se com os pensamentos do outro. Graças a essa propriedade da leitura, o leitor substitui a própria subjetividade por outra, abandonando temporariamente suas disposições pessoais e preocupando-se com algo que até então não conhecia. (ZILBERMAN, 2001, p. 52).

Nessa concepção, a obra literária nunca está totalmente acabada, pois as possibilidades de interpretação do texto são diversas. O texto literário não tem a missão de cumprir um determinado objetivo e não se preocupa com a realização de funções ou com a promoção de ensinamentos específicos. O grande poder e riqueza de um texto literário está no fato de que não condiciona o leitor, apenas causa o envolvimento com o próprio texto. A apropriação do bem incompressível do prazer da leitura é o resultado de como o leitor recebe o texto, das representações que cria. O prazer advém da disponibilidade com que o leitor empreende a leitura. Como elabora estratégias de recepção de forma diferenciada, o leitor obtém, também, resultados diferentes com a leitura do texto literário.

A metodologia de abordagem do texto, que está sendo proposta, tem na percepção o ponto de partida da leitura que resulta na compreensão. A interpretação ocorre no momento da leitura do texto, a aplicação e a recuperação acontecem no decorrer do tempo. Assim, o leitor possui a capacidade de construir significados com a leitura do texto a partir de seus próprios objetivos. Desse modo, as obras literárias auxiliam o leitor a criar sua opinião.

Pretende-se que esta metodologia oriente como o aluno poderá sofrer o efeito estético do texto literário, no ambiente escolar e fora dele, porque a recepção literária pode aprimorar, ainda mais, os indivíduos, que procuram diferentes maneiras de fazer interpretações, estando disponíveis a modificações, que o texto literário sofrerá e as mudanças que o leitor também pode sofrer. Através da recepção, o leitor pode se identificar com personagens e com realidades diversas.

Uma obra somente se encontra em movimento quando derivada do ato da leitura. A imaginação do leitor procurará significações para as palavras, dando significados para seu mundo, colocando em movimento tanto o leitor como a obra. O sentido construído, no texto literário, pelo leitor, procede de uma atividade basicamente social, apesar de termos como produto final, a atualização do objeto estético na consciência do leitor. É importante ter consciência de que a leitura retirada de textos literários e relacionada à sua historicidade faz

com que cada leitor institua certo significado, já que, na medida em que sua comunicabilidade intervém no ato comunicativo, o leitor terá possibilidades de designar interpretações de modos diferentes, pois é ele quem faz circular o sentido, quem pode observar o plural de que o texto é constituído, mas que também pode trazer ao texto seu próprio plural.

Segundo Antonio Candido, a Arte é um sistema simbólico de comunicação humana e a relação entre a obra, o autor e o público é indissolúvel. “O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criado” (CANDIDO, 2000, p. 33). Reflete o pensamento de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss que acreditam que a obra, enquanto literária, ainda não existe até ser ativada pelo leitor. Em *O ato da leitura* Iser afirma que “A obra é o ser constituído do texto na consciência do leitor”. (ISER, 1996, p. 51)

Há um maior destaque para a importância do papel do leitor no ato da leitura, o que amplia os horizontes de análise do texto, favorecendo sua exploração e ampliando sua significação. Resulta no reconhecimento do quanto se tornou importante a figura do leitor no processo de construção dos sentidos do texto literário, que passa a existir somente quando é lido.

A Estética da Recepção dá ênfase ao papel do leitor, colocando-o como coautor da obra, pois se materializa apenas na recepção. A obra oferece pistas a serem desvendadas pelo leitor, mas apresenta muitas lacunas para os quais o leitor não encontra respostas e precisa acionar seu imaginário para dar continuidade a essa relação. É necessário haver um processo de identificação do leitor com o texto, o que Jauss denomina de *katharsis*.

É através da identificação com o texto que o leitor se encontra com o autor. Sendo assim, a leitura pode ser considerada um processo de interlocução entre leitor e autor a ser mediado pelo texto, que proporciona os ensinamentos necessários para essa identificação. Segundo Iser, em *O ato da leitura*, “é preciso descrever o processo da leitura como interação dinâmica entre texto e leitor”. (ISER, 1996, p. 10).

Ainda que o texto seja plurissignificativo, o que permite múltiplas leituras, o leitor não pode dar total liberdade ao seu desejo interpretativo. A recepção é, de certa forma, delineada pelo texto, por isso o leitor não poder ignorar os sinais deixados pelo autor. O texto precisa “aprovar” as leituras permitidas. O texto se torna mais valioso quanto mais propõe desafios ao leitor, principalmente se tais desafios não estiverem previstos nas suas expectativas.

Dessa maneira, o leitor dialoga com o texto e pode interferir de maneira criadora, num ato comunicativo autêntico. Contudo, esse diálogo somente se torna possível na medida em que haja uma identificação do leitor com a obra proporcionada pela interação entre ambos, que

causa uma fundição para que a comunicação aconteça. Assim, do grau de identificação ou de distanciamento do leitor em relação à obra dependem as possibilidades de diálogo. É no diálogo com o texto que as lacunas deixadas pelo autor serão preenchidas.

Portanto, o ato de ler, nesta abordagem proposta, é gratificante porque possibilita ao sujeito descobrir-se no texto, no contato com o conhecido e na descoberta de maneiras alternativas de ser ao experimentar o desconhecido. Quanto mais leituras o leitor realizar, maior será a ampliação de seus horizontes, mais ativa será sua interação e identificação com os textos lidos e interpretados. A relação interativa não existe sem a identificação genuína do leitor com o texto, pois este não se realiza sem aquele. A interação ajudará o leitor a compreender as regras do jogo da leitura.

Nessa concepção de recepção do texto literário, a obra passa a ser definida pela relação que se estabelece entre literatura e leitor com suas implicações tanto estéticas quanto históricas. “A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete”. (JAUSS, 1994, P.25).

A recepção se realiza na interação do leitor com o autor, intercedida pelo texto literário, concretizando o prazer estético. Na história do prazer estético da arte, Hans Robert Jauss apresenta três categorias fundamentais da fruição estética: *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. Segundo Jauss, esses três aspectos da experiência estética se concretizam pela compreensão das funções produtiva, receptiva que se complementam entre si.

A *poiesis* é o prazer ante a obra que nós mesmos realizamos; [...] a *aisthesis* designa o prazer estético da percepção reconhecidora e do reconhecimento perceptivo, ou seja, um conhecimento através da experiência e da percepção sensíveis; [...] e a *katharsis* é o prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o telespectador tanto a transformação de suas convicções, quanto à liberação de sua psique (JAUSS, 2002, p. 100-101).

Segundo Hans Robert Jauss, as três categorias fundamentais da experiência estética não devem ser compreendidas hierarquicamente, pois são independentes entre si e devem ser vistas como funções autônomas, mas que podem se completar. Nesta teoria, voltada para o entendimento do prazer estético, alcançado na inter-relação da *poiesis*, *aisthesis* e da *katharsis*, Jauss relaciona o prazer com a reflexão estética. Adere à concepção de que a atitude estética exige que o objeto distanciado não seja contemplado de forma desinteressada, mas que seja produzido pela coparticipação, realizando-se uma reciprocidade entre sujeito e objeto.



Neste sentido, *poiesis* – o produzir, fazer, é o prazer sentido diante da obra. Nesta atividade o Homem alcança um saber, que se distingue tanto do conhecimento ancestral da ciência quanto da atividade finalística do artesanato passível de reprodução. No plano da *poiesis*, o prazer se caracteriza pela experiência produtiva, que pode levar o indivíduo a outras dimensões como a do mundo interior ou permanecer no mundo real, em busca da criação artística.

Quanto à *aisthesis*, Hans Robert Jauss a considera o prazer estético da percepção reconhecedora perante o imitado. A estética se coloca com o significado de conhecimento pela percepção e da experiência sensíveis. A *aisthesis* pode ser compreendida pelo prazer alcançado por meio da “experiência estética receptiva”, no instante em que de posse de uma obra de arte o horizonte de expectativa do leitor restaura ou alarga sua percepção.

Com relação à *katharsis*, pode-se considerar a capacidade efetiva de modificação das concepções, que o leitor possui do mundo e da vida ante da liberdade, legitimidade e autonomia da obra de arte. Consiste no prazer dos afetos gerados pela poesia capaz de fazer o leitor mudar suas convicções. A *katharsis* corresponde à função social da arte, buscando libertar o observante dos de suas próprias alusões, com o propósito de conduzi-lo à liberdade estética de sua capacidade de ponderar por meio do prazer de si no prazer do outro.

Nesse contexto é possível perceber a liberdade e autonomia que o leitor tem diante das obras artísticas. O leitor atualiza as possibilidades de significado da Arte e testemunha o surgimento de algumas significações contidas na obra. O prazer de si só, não existe, pois, a obra sozinha se anula. Depende do prazer do outro. Mesmo em face de sua criação, o autor não consegue impor o sentido que compusera sua própria criação, porque os textos literários podem sugerir aos seus leitores a liberdade de pensamento e uma grande variedade de significados. Desse modo, é na interação do leitor com o autor, mediatizada pelo texto, que o prazer estético se concretizará.

Portanto, na proposta metodológica para o trabalho com o texto literário, em sala de aula, baseada nos pressupostos da Estética da Recepção, é imperativo que o leitor tome uma postura ativa em relação ao texto, que permita que o texto atue sobre seu esquema de expectativas e abra seus horizontes para novos sentidos e novas possibilidades de significação. Dessa maneira, poderá atuar como um verdadeiro coautor da obra literária, preenchendo as lacunas do texto literário, supostamente deixadas pelo autor.

Nesse sentido, é necessário reconhecer que, no contato com a poesia, são atingidas algumas estruturas poéticas decisivas para captação do leitor, que lhe dão a oportunidade de compartilhar da criação do objeto estético. O reconhecimento dessas estruturas poéticas pode

ser requisito para se compreender um texto em sua função estética e, dessa maneira, fruí-lo. “Só se pode gostar do que se entende e compreender o que se aprecia” (ZILBERMAN, 1989, p. 53). Para que se possa compreender o texto literário em sua dimensão estética, é necessário abstrair seus atributos não apenas no plano de sua forma e estrutura, mas também no plano do conteúdo.

### **3.2 A Abordagem do Texto Literário na Sala de Aula**

As atividades desenvolvidas para o ensino da literatura, na escola, precisam enfatizar uma prática dialógica, pois está evidente a grande necessidade de uma interação efetiva entre texto e leitor. Essa interação pode ser melhor alcançada por meio de metodologias que contribuam para uma formação de leitores reflexivos. Essas metodologias apontam para a necessidade da realização de aulas mais dinâmicas, mais participativas e que não sejam tão expositivas.

As aulas de literatura precisam de textos e formas de abordá-los que estimulem a participação dos alunos. A poesia pode servir como uma forte atração para essas aulas, mesmo sendo um gênero literário considerado distante da sala de aula. Por isso, é preciso proporcionar maneiras adequadas de aproximá-la dos alunos, tendo em vista que essa pouca presença da poesia na escola pode ser consequência da maneira como vem sendo trabalhado o texto literário, que talvez esteja afastando muitos alunos da literatura. Por isso, serão explicitados, nesta abordagem, alguns procedimentos que o professor poderá utilizar para despertar no aluno o gosto e o prazer em ler, além de possibilitar diversas aprendizagens e a identificação do leitor com o texto literário.

Neste sentido, as atividades, aqui propostas, levam em consideração a realização de um trabalho com a poesia, o qual pretende que o aluno tenha um envolvimento mais significativo com esse tipo de texto. Essa metodologia de abordagem do texto literário visa se distanciar do modo habitual de ensinar literatura, e se difere também da maneira como a leitura literária é explorada em nossas escolas, sendo também uma possibilidade de desviar-se do modelo tradicional de análise e interpretação aplicado pelo livro didático, que trazem questões prontas e fechadas para a interpretação e sugerem, em alguns casos, opções de múltipla escolha para responder, impedindo o aluno de ter uma relação direta e pessoal com o texto.

As propostas metodológicas apontadas para o trabalho com a leitura de poesias, são sugestões de trabalho para serem utilizadas nas aulas de leitura literária, em sala de aula, e podem servir, para os professores, tanto dos anos iniciais como dos anos finais do Ensino

Fundamental, como um caminho a ser seguido, no trabalho com a literatura, na escola. Essas propostas de atividades pretendem inovar no desenvolvimento da leitura literária na escola, pois não são práticas de leituras voltadas exclusivamente para a decodificação e análise de aspectos da gramática da Língua Portuguesa. A intenção é se afastar da prática que transforma o aluno em um simples receptor, que fica passivo diante das “verdades” estabelecidas pelo professor e pelas atividades dos livros didáticos, que apontam para uma interpretação unilateral do texto.

Para esta finalidade, a proposta de atividade está estruturada de maneira que facilite a prática pedagógica do professor. Nesta atividade serão aplicadas metodologias de análise e interpretação de poesias, que possibilitem aos alunos a construção de significados ao texto, mediados pelo professor, fundamentado nos pressupostos da estética da recepção. A finalidade da proposta é servir como alternativa concreta de trabalho com a leitura literária, que auxilie na promoção do letramento literário e contribua com o fazer pedagógico do professor, no Ensino Fundamental.

Para isso, serão apresentadas duas propostas de atividades com a poesia. Elas serão realizadas por meio da leitura, discussão, análise e interpretação de poemas, mas que podem facilmente serem adaptadas para o trabalho com outros tipos de textos literários. As propostas apresentadas tentarão explicitar, dentre outros aspectos, como as forças da literatura estão presentes no texto literário e a maneira que elas podem se manifestar na vida do leitor, proporcionando prazer e conhecimento.

As atividades visam formar um leitor proficiente, crítico e reflexivo, a partir de procedimentos metodológicos inovadores que levem os alunos a refletir e buscar, no texto, as forças da literatura apresentadas por Roland Barthes e as premissas de Hans Robert Jauss, que podem ser consideradas proposições adequadas para o desenvolvimento do letramento literário, pois estimulam o aluno à leitura de textos literários. Estas atividades visam trabalhar a leitura literária na perspectiva do letramento literário proposto por Rildo Cosson (2014), buscando destacar metodologias de leitura, análise e interpretação de textos que privilegiem a busca dos sentidos presentes no texto.

As atividades propostas podem ser realizadas, principalmente, com turmas de alunos do 1º ao 9º anos do Ensino Fundamental. A escolha dos poemas para a realização destas propostas se deve à riqueza de imagens presentes e a possibilidade de construção de sentidos, além da possibilidade de se empreender uma busca às teorias presentes no texto literário, que embasam este trabalho, as forças da literatura de Roland Barthes – a *mimesis*, a *mathesis*, a *semiosis*, e as três atividades das premissas de Jauss – a *poiesis*, a *aisthesis*, a *katharsis*.

Estas teorias, de Roland Barthes e Hans Robert Jauss, discutidas neste trabalho, embasarão os procedimentos metodológicos destas propostas de abordagem, uma vez que, se buscadas no texto literário, podem despertar, no aluno, a sensibilidade e a capacidade para o questionamento do mundo. Quando há realmente uma identificação entre o leitor e o aluno, ele se vê no texto literário e consegue compactuar com as várias possibilidades de significação. Essa identificação fará com que o aluno compreenda o texto, e esse, tenha significado para o aluno, preenchendo as lacunas existentes, com sua vida.

Para uma melhor realização deste tipo de trabalho, no Ensino Fundamental, é aconselhável que não se trabalhe com textos muito longos. Por isso, indicamos o poema, pois, possivelmente, esse gênero literário seja o mais indicado para um trabalho na sala de aula, que busque os diversos sentidos do texto literário. Isso porque facilita a volta do leitor ao texto, diversas vezes, numa mesma aula, sendo possível realizar várias leituras para explorar o texto, pois segundo Rildo Cosson (2014) a escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração.

Para que haja um efetivo trabalho na escola, que vise à promoção do letramento literário, por meio da leitura, discussão e apreciação de textos literários, é preciso que aconteça um trabalho de planejamento visando uma maior aproximação do aluno com o texto. Rildo Cosson (2014) propõe uma sequência de atividades que pode orientar o professor na abordagem do texto. Para ele, a utilização desta sequência possibilita ir além da simples leitura, pois transforma a prática da leitura literária em uma verdadeira fonte de aquisição de conhecimento e de prazer. Essa sequência, proposta por Rildo Cosson, serve de base para o roteiro de abordagem do texto literário, sugerido neste trabalho.

A proposta visa, também, auxiliar o professor na transmissão, aos alunos, dos benefícios da literatura. Entretanto, é bom ressaltar que não há um caminho único e totalmente seguro na maneira de como se trabalhar o texto literário para que haja uma leitura produtiva que estimulem a interação entre texto e leitor. É com o objetivo de contribuir com a árdua missão da escola, de promover a interação entre texto e leitor, que apresentamos, a seguir, o roteiro da proposta metodológica de abordagem do texto literário.

#### **Roteiro da Proposta Metodológica:**

- Atividade de Motivação
- Leitura Silenciosa
- Discussão do texto
- Leitura Oral
- Análise da Estrutura
- Interpretação do Texto

## **Atividade de Motivação**

A primeira etapa diz respeito à motivação, que segundo Cosson (2014), deve anteceder todo o processo referente ao trabalho com o texto. Trata-se, portanto, de introduzir o aluno na temática do texto, para tentar despertar seu interesse. Nessa atividade de motivação não se deve desperdiçar tanto tempo, uma vez que o objetivo da leitura pode perder-se em uma atividade motivacional muito longa.

O primeiro momento de contato dos alunos com o texto é de fundamental importância para o alcance dos objetivos desta proposta, tendo em vista que é nesta etapa da atividade que ele vai sentir um encontro e/ou estranhamento, pois na leitura do texto seus conhecimentos estéticos e de mundo serão ativados.

Segundo Helder Pinheiro, para que o professor possa introduzir a leitura de poesia em sala de aula, é preciso haver um momento de preparação para a realização deste trabalho.

(...) a poesia é dos gêneros literários mais distantes da sala de aula, a tentativa de aproximá-la dos alunos deve ser feita de forma planejada. Deve-se pensar que atitude se tomará, que cuidados são indispensáveis e, sobretudo, que condições reais existem para realização do trabalho. (PINHEIRO, 2002, p. 23)

## **Leitura Silenciosa**

A sugestão para iniciar a leitura do texto, em sala de aula, é por meio da leitura silenciosa. Essa leitura silenciosa é importante não só para início da compreensão e discussão dos sentidos do texto, mas serve, também, como preparo para a leitura oral, pois para que a leitura oral seja eficiente é necessário haver um momento preparatório, tendo em vista que uma leitura inadequada pode dificultar a compreensão e diminuir a beleza estética do texto literário.

O principal objetivo deste tipo de leitura é favorecer a relação entre leitor e texto que acontece por meio da “interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto. Encontro com o autor, ausente, que se dá pela sua palavra escrita” (GERALDI, 2006, p. 91).

Por acreditar que essa relação é irrefutável, eu só consigo atribuir importância e relevância às práticas de leitura escolar quando o leitor é elevado à condição de sujeito, trabalhando ativamente com seus pares na busca de compreensão de diferentes aspectos da realidade através dos textos. Isso requer movimentos dinâmicos entre os textos e as experiências de vida dos leitores e vice-versa; (...) (SILVA, 1991, p. 52).

## **Discussão do texto**

Depois deste momento, importante e fundamental, de leitura silenciosa e individual, a próxima etapa é a discussão do texto. A sugestão é que este momento seja feito de forma coletiva. Portanto, o professor irá orientar os alunos a formarem grupos para que possam discutir sobre as impressões que tiveram do texto, a partir da percepção que trouxeram da leitura individual e silenciosa.

Esta etapa de discussão em grupo é de fundamental importância para que a proposta de abordagem cumpra sua finalidade, pois este momento servirá, principalmente, para que o professor conduza os alunos a iniciarem a busca da identificação com o texto lido. Ressaltando que os significados que podem surgir sobre a interpretação do texto são inesgotáveis.

Para que a discussão do texto cumpra sua finalidade, dentro da proposta, é fundamental a participação do professor como mediador da leitura e discussão. Ele precisa perceber, por meio do acompanhamento nos grupos, se os alunos conseguiram compreender determinados aspectos do texto. Sua função, nesta etapa, é proporcionar condições que facilitem a percepção dos alunos em relação a alguns aspectos do texto literário.

A leitura silenciosa, da etapa anterior, é de fundamental importância para que a discussão seja eficiente e contribua para o processo de interpretação do texto literário.

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura. (COSSON, 2014, p. 62)

No caso da poesia, que é um texto curto, este acompanhamento do professor será no sentido de instigar os alunos a descobrirem os sentidos implícitos no texto. Assim sendo, este momento da discussão também servirá para os alunos retomarem o texto e procurarem compreender melhor o que não ficou muito claro na leitura silenciosa, consolidando, assim, com o auxílio dos colegas e a orientação do professor, alguns sentidos presentes no texto.

## **Leitura Oral**

Após esse momento de discussão do texto, inicia-se a atividade de leitura oral. Esse momento é de fundamental importância para a compreensão do texto, pois essa leitura pode contribuir, significativamente, para uma interpretação mais eficiente do texto, já que se pode dirimir as dúvidas que ficaram no momento anterior, facilitando a compreensão e contribuindo para a busca dos significados do texto. Além dessas vantagens, a leitura oral, é importante, também, para levar os alunos a perceberem a musicalidade da poesia.

A leitura oral pode ser realizada tanto pelo professor como por um aluno, dois alunos, em grupo, ou ainda, por todos os alunos da sala de aula, em conjunto. Essa leitura em voz alta deve, de preferência, ser repetida diversas vezes, pois essa prática pode favorecer a compreensão de aspectos do texto que não ficaram claros nas primeiras leituras. Por meio da realização da leitura oral, o aluno vai se aproximando dos significados presentes no texto lido.

Outro fator de fundamental importância na leitura oral, feita pelo professor, é a maneira de proceder esta leitura, pois uma leitura adequada tem maior possibilidade de criar, nos alunos, os efeitos esperados. Assim, é muito interessante que se faça as pausas corretamente, respeite o ritmo, os sons, que se dê ênfase em determinados trechos da poesia.

Se a professora for ler um poema para a classe, que o conheça bem, que o tenha lido várias vezes antes, que o tenha sentido, percebido, saboreado. Para que passe a emoção verdadeira, o ritmo e a cadência pedidos, que sublinhe o importante, que faça pausas para que cada ouvinte possa descobrir – por si próprio – cada passagem, cada estrofe, cada mudança... (ABRAMOVICH, 1997, p.94)

## **Análise da Estrutura**

Nesta etapa, o objetivo é fazer com que o aluno perceba a maneira como o texto está organizado, quantas estrofes contém o poema, quantos versos contém cada estrofe, se existem rimas, quais os efeitos que elas causam, entre outras características presentes no texto. É importante, também, levar o aluno a perceber a maneira como o texto está disposto na página, se a forma como ele está estruturado pode representar algum significado que contribua para a interpretação final do texto, entre outras características formais. É importante, ainda, que o professor leve os alunos a perceberem e estabelecerem as ligações existentes entre a forma e os sentidos do texto, pois a estrutura está ligada, diretamente, à interpretação.

## **Interpretação do Texto**

Esta etapa de interpretação do texto pode ser considerada a parte mais subjetiva da proposta, pois a atividade de interpretação é um ato muito pessoal. Nesta etapa da atividade, o aluno irá utilizar o conhecimento de mundo que adquiriu em sua experiência como leitor, no convívio em sociedade, e utilizar, também, as impressões que decorrem da leitura do texto, para que possa tentar construir os sentidos ao texto literário que foi lido e está sendo interpretado.

A atividade de interpretação do poema é etapa mais árdua, tendo em vista que é preciso fazer várias reflexões e estimular os alunos a mergulharem profundamente no texto. Esta interpretação possibilita múltiplas aberturas e os recursos são muito variados, por isso, se deve ir analisando por partes e levando em consideração as opiniões dos alunos. Neste momento, é sempre bom lembrar aos alunos que as palavras, na literatura, são carregadas de valores significativos e imagens que podem possibilitar diversas interpretações. É muito importante que o professor deixe os alunos se expressarem. Para isso, é preciso transformar a sala de aula em um espaço de discussão na qual os alunos se sintam confortáveis e tenham a confiança para emitir suas opiniões.

A participação do professor é fundamental, nesta etapa, para que os sentidos sejam descobertos pelo aluno. Ele deve encaminhar a interpretação buscando aspectos/temas relacionados ao Humano. Através da mediação do professor a identificação entre aluno e texto literário será facilitada.

### **3.2.1 Proposta de Atividade para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental**

Para a elaboração desta proposta de atividade foi necessário, inicialmente, selecionar um poema, considerado mais adequado aos anos iniciais do Ensino Fundamental, para poder planejar atividades de motivação, leitura, discussão, análise e interpretação que favoreçam o trabalho com o texto literário. A atividade tem como objetivos incentivar a leitura de textos literários, analisar a estrutura de um poema e fazer interpretações para buscar seus significados. É indicada para turmas de 1º ao 5º anos do Ensino Fundamental, e sua duração é de 05 (horas) horas, que corresponde a 05 (cinco) horários ou uma semana, mas dependendo da turma, pode ser reduzida ou estendida para outros horários.



O corpus literário utilizado para a realização desta proposta é o poema “Aquarela”, que foi composto numa parceria entre Vinícius de Moraes e Toquinho. É importante ressaltar que o texto deve ser trabalhado de forma integral, já que ele só apresenta sentido se for trabalhado integralmente, e não de forma fragmentada como é proposto em alguns livros didáticos. A partir deste texto foi elaborada uma metodologia de leitura, análise e interpretação do texto literário com o objetivo de contribuir, significativamente, para o alcance, de forma aceitável e satisfatória, do letramento literário. Este poema é muito conhecido por pessoas de todas as idades e virou música, o que facilita sua abordagem em sala de aula, pois esta música pode ser utilizada pelo professor para tornar a sua aula mais atrativa e prazerosa.

Segue o poema:

### Aquarela

*(Composição: Toquinho/Vinicius de Moraes)*

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo  
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo  
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva  
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva

Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel  
num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu  
Vai voando, contornando a imensa curva Norte e Sul

Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul  
Pinto um barco a vela branco navegando,  
é tanto céu e mar num beijo azul

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená  
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar  
Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo  
e se a gente quiser ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida  
com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida  
De uma América a outra consigo passar num segundo  
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo

Um menino caminha e caminhando chega no muro  
e ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está  
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar

Não tem tempo nem piedade nem tem hora de chegar  
Sem pedir licença muda nossa vida,  
depois convida a rir ou chorar

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá  
 O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar  
 Vamos todos numa linda passarela  
 de uma aquarela que um dia enfim  
 Descolorirá

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo (que descolorirá)  
 e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo (que descolorirá)  
 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo (e descolorirá)

<http://www.letras.com.br/#!/toquinho-e-vinicius-de-moraes/aquarela>

### **Roteiro de Leitura Literária:**

**Público Alvo:** 1º ao 5º anos do Ensino Fundamental

**Duração:** 05 (cinco) horários ou uma semana.

**Texto Literário:** Poema “Aquarela” de Toquinho/Vinicius de Moraes

### **Objetivos:**

- Incentivar a leitura de textos literários;
- Analisar a estrutura de um poema;
- Interpretar um poema buscando seus sentidos e a identificação com o texto;
- Auxiliar na promoção do letramento literário.

### **Atividade de Motivação**

Para iniciar este trabalho, a proposta é que o professor possa motivar os alunos antes de entregar o texto para a leitura. Então, ele iniciará, apresentando aos alunos, apenas o título “*Aquarela*” e, fazendo o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, através de uma conversa informal, tentando descobrir se muitos já conhecem o poema, o que eles sabem sobre os significados desta palavra e o que este título pode sugerir ao leitor. Neste momento, o professor precisa permitir e incentivar os alunos a se expressarem e emitirem suas opiniões em relação ao que eles acham que o texto se refere. É necessário que o professor deixe o debate fluir de forma espontânea para descobrir as expectativas que a turma possui em relação ao texto que será estudado.

Como este poema virou música, amplamente divulgada e conhecida por públicos de todas as idades, é aconselhável que o mediador possa utilizar a música para motivação dos

alunos. O trabalho com a música torna as aulas mais atraentes e significativas, proporcionando momentos de relaxamento e reflexão, que podem auxiliar no processo de aceitação, por parte do aluno, ao convite para adentrar o universo poético. O professor deve pedir que os alunos fechem os olhos e sintam a música, cantando juntos e imaginando as imagens que surgem em suas mentes conforme a letra. O fato de a música ser conhecida facilita este trabalho, pois pode facilmente ser encontrada em vários sites na internet.

Outra sugestão para motivação é que o professor utilize um vídeo disponível no Youtube e estimule todos os alunos para assistirem a exibição, observando, atentamente, as imagens que vão se formando conforme a letra vai avançando. O professor deve, ainda, estimular os alunos a cantarem a música coletivamente, mais uma vez, a fim de que possam sentir a musicalidade, a melodia e o prazer que ela proporciona.

Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=iOh0mnuUdvc>

Sugerimos este vídeo, em especial, por ser muito atrativo e conter algumas imagens que contribuem para o desenvolvimento da atividade e auxiliam no momento da interpretação do texto. A melodia, também, é muito agradável e contribui para transformar a sala de aula em um ambiente de descontração e prazer, que irão deixar o aluno mais relaxado e disposto para a aula. Após a exibição do vídeo, o professor deverá conversar com os alunos, sem entrar em detalhes, ainda, sobre os sentidos do texto, a respeito da letra da música e as imagens que eles perceberam. Esse momento contribuirá com o desenvolvimento da imaginação do aluno, vai, também, ajudar o professor a demonstrar aos alunos que as aulas de literatura podem ser atrativas e prazerosas.

### **Leitura Silenciosa**

Terminada a atividade de motivação, a próxima etapa é a leitura silenciosa. O professor distribui cópias do texto para todos os alunos e solicita que façam a leitura, individualmente, que deve ser realizada sem paradas. A proposta é que se façam várias leituras do poema, em sala de aula, para facilitar a compreensão e a familiarização com o texto. É importante que todos os alunos tenham acesso ao texto completo e impresso, e tenham um tempo para fazer essa leitura silenciosa e, além do texto, tenham, também, um vocabulário previamente preparado pelo professor, com algumas palavras que achar necessário que os alunos tenham acesso a fim de auxiliar na leitura.

No momento de fazer a leitura silenciosa do poema, o professor pode colocar uma música, de preferência instrumental, para tentar inibir as eventuais conversas paralelas que possam distrair os alunos, pois, neste momento, eles precisam de muita concentração. A música instrumental irá favorecer a atenção dos alunos, levando-os a se concentrarem na leitura do texto. É aconselhável que os alunos realizem mais de uma leitura do texto a fim de iniciarem o processo de compreensão que se concretizará nas etapas posteriores

No final da leitura silenciosa, o professor deve desligar o som e iniciar uma conversa com os alunos para perceber as primeiras impressões que eles tiveram do texto, se necessitam de auxílio ou esclarecimento para compreensão de algum aspecto do poema. Nesta conversa é interessante que o professor possa levar os alunos a comentar a respeito dos versos e/ou partes do texto que acharam mais interessantes ou lhes chamaram a atenção e se essas partes têm alguma relação com momentos da realidade.

### **Discussão do Texto**

Terminada a leitura individual, o professor solicita que os alunos formem grupos para discutir sobre a impressão que tiveram do texto, durante a leitura individual. Nesta proposta é importante que o professor oriente a discussão em equipe, acompanhando as discussões para garantir que a finalidade da proposta seja cumprida. Essa discussão pode auxiliar no processo de identificação do leitor com o texto, na medida em que os alunos podem comparar suas impressões com as dos colegas do grupo.

Nesta etapa, o professor poderá, também, fazer questionamentos específicos, aos grupos, a respeito dos sentidos do poema, como perguntar aos alunos se eles gostam da infância, se já pensaram como será sua vida no futuro; o que acham que farão na idade adulta; se imaginam como será sua morte e etc. Após a discussão, orientada pelo professor, por meio das reflexões no grupo, das conversas entre os alunos e com o próprio professor, é importante que seja enfatizado que as reflexões serão guardadas para serem comparadas na atividade de interpretação.

## **Leitura Oral**

Após esta discussão, o professor pode iniciar a etapa da leitura em voz alta, que pode ser realizada tanto por ele quanto por um ou mais alunos. O importante é que esta leitura seja feita com as devidas pausas, várias entonações e outras estratégias que achar necessário para o melhor entendimento por parte do aluno. Toda a musicalidade, a ludicidade, a fantasia, o conhecimento e outras características presentes nos textos poéticos só podem ser vivenciadas, concretamente, em sala de aula, por meio de uma leitura viva e dinâmica.

### **Análise da Estrutura**

Em seguida o professor pede que os alunos façam suas análises individuais, da forma do poema. Neste momento de análise da estrutura, a proposta é que se analisem apenas os aspectos formais do poema, uma análise formal buscando encontrar o número de estrofes do poema, o número de versos por estrofe e identificar as rimas, além da forma como as palavras estão dispersas na página. É importante ressaltar, mais uma vez, que esta análise só faz sentido se estiver relacionada com a interpretação do texto.

### **Interpretação do Texto**

Depois do momento de análise da forma, o professor pode passar para a interpretação dos sentidos possíveis presentes no poema, que será feita de forma coletiva e mediada pelo professor. É o momento em que o professor, enquanto mediador do texto, deve buscar as forças da literatura apregoadas por Roland Barthes: a *mimesis* – representação da realidade, a *mathesis* – diversos saberes, e a *semiosis* – plurissignificação do texto. Na interpretação, também se busca, no texto literário, as três atividades das premissas de Hans Robert Jauss: a *poiesis* – criação, a *aisthesis* – compreensão pelos sentidos, e a *katharsis* – identificação com o texto.

Com relação ao poema “Aquarela”, dentre várias possibilidades de interpretação, será proposta uma que, possivelmente, seja considerada bem significativa para a vida da maioria dos alunos e que demonstra, claramente, a presença das forças da literatura apresentadas por Roland Barthes e das premissas da experiência estética de Hans Robert Jauss. Para que seja possível

identificar estes aspectos é preciso compreender a linguagem poética, a fim de que se entenda, também, os procedimentos de construção utilizados para criar possíveis sentidos.

Uma das interpretações que se faz do poema "Aquarela" é a retratação do laconismo da vida humana, passando por todas as fases, que se inicia na infância e termina na velhice. Ele faz o leitor viajar no tempo e lembrar como conseguia criar, se divertir, fantasiar e buscar novas coisas e experiências com a imaginação a partir de dois riscos ou um “pingo de tinta no azul de um papel”. Transmite de forma, metafórica, que cada problema existente é capaz de ser ultrapassado com criatividade.

Outro lado crítico do poema é que ele lembra que nunca se deve deixar de sonhar e imaginar enquanto se pode e que é preciso manter essa beleza da infância sempre presente no coração. Assim, pode-se perceber que "Aquarela" é um poema feito para todas as idades, pois marca o ser humano de várias formas. As últimas estrofes relatam a passagem da infância para a adolescência e para a idade adulta, até a chegada da velhice. Demonstra que a criança amadurece e começa a encarar seus próprios problemas, a fazer suas escolhas e acaba deixando para trás aquela fantasia, os sonhos e brincadeiras que tinha, e que, a partir deste ponto, o futuro é incerto, é algo que muda constantemente. Então ele compara a vida com a aquarela, pois a vida acabará assim como a aquarela descolorirá.

É possível perceber que as forças da literatura perpassam todo o poema. A *mimesis* e a *semiosis* se configuram desde o seu início, pois do título à última estrofe, o texto faz uma representação da realidade e todas as estrofes podem apresentar mais de um significado, tornando-o plurissignificativo. A *mathesis* está presente nos saberes geográficos, do desenvolvimento humano, entre outros que o poema faz alusão.

Iniciando a interpretação pelo título “Aquarela”, que manifesta um tipo suave de tinta de difícil manuseio, porque as suas características são facilmente estragadas, pois não podem ser retocadas e secam de forma rápida, demonstra uma análise tácita da vida, significando que, assim como na aquarela, não é possível consertar algumas coisas na vida, o tempo não regressa e algumas ações desenvolvidas não podem ser refeitas.

**Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo  
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo  
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva  
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva.**

Na primeira estrofe, é retratado o meio infantil, no qual há total liberdade para o ser humano se expressar, podendo usar sua imaginação para criar. Não precisa ser uma folha especial, em qualquer folha é possível deixar a capacidade criadora aflorar e se expressar ao

desenhar, representando o mundo que o rodeia. Mostra, também, que os desenhos que são feitos, são aqueles que a maioria das crianças desenha durante a infância como um sol amarelo, uma luva a partir do contorno dos dedos da mão com o lápis, demonstrando que está tratando da fase infantil. Finaliza, mostrando que, nesta idade, as crianças criam seus problemas e se escondem para se proteger, como alguém que se protege da chuva debaixo de um guarda-chuva.

**Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel  
num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu  
Vai voando, contornando a imensa curva Norte e Sul.**

A segunda estrofe continua a retratar a infância, mostrando que a criança vai brincando e na sua simplicidade imagina o quão gostoso é se perder nesse universo infantil, no mundo de faz de contas, onde as crianças se divertem e dão asas para a criatividade, ao aflorar a imaginação. Nesta fase da vida, se, de repente, algo não deu certo, não tem problema, transforma-se o pequeno descuido num lindo pássaro a voar no céu, assim como um artista, que, mesmo num descuido, consegue dar formas inesperadas na sua tela. Assim, o texto demonstra que, às vezes, na vida, é preciso fazer alguns ajustes devido a erros cometidos.

**Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul  
Pinto um barco a vela branco navegando,  
é tanto céu e mar num beijo azul.**

Na terceira estrofe, o poema continua a mostrar que no mundo da ficção não há limite de tempo ou de espaço. Nesta fase infantil, a imaginação leva a lugares distantes, fazendo viajar de um polo ao outro do globo terrestre em questão de segundos. Escorregando ou navegando num barco branco entre o céu e o mar, tudo é mágico, como um beijo azul – o tocar das duas lindas superfícies imensas, a celestial e a marítima.

**Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená  
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar  
Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo  
e se a gente quiser ele vai pousar.**

A imaginação continua voando, como um avião a voar entre as nuvens, um voo que é o sonho de todo ser humano. O poema assevera, que basta imaginar para que as coisas aconteçam assim como toda criança imagina, que é possível construir todas as coisas a partir de sua imaginação criadora que ao fingir ser o piloto da aeronave, se vai para onde quiser e pousa quando e onde quiser, especialmente se o céu estiver “sereno e lindo”.

Nestas estrofes a *mimesis* se apresenta na forma como a idade infantil é retratada, pois todo ser humano, que já passou pela infância, sabe que, de maneira geral, esses eventos acontecem na vida de quase todas as crianças. Assim, essa força da literatura está evidente na maneira como o poema retratou essa fase da vida. A *mathesis* é percebida nas citações de vários lugares do globo terrestre, nome de animais, tecnologias criadas pelo Homem, dentre outros, demonstrando vários saberes presentes do campo geográfico, histórico, tecnológico, antropológico, psicológico etc. E a *semiosis* se configura na medida em que, além desta interpretação, é possível, também, perceber que existe a possibilidade do texto estar falando, por exemplo, da história da evolução humana, da história da escrita ou da arte, dentre outras possibilidades.

**Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida  
com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida  
De uma América a outra consigo passar num segundo  
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo.**

Mas como a vida é feita de partidas e chegadas, o texto retrata, nesta estrofe, uma grande mudança, utiliza o “navio de partida” para fazer uma analogia com a saída da infância, a partida da infância para a adolescência e juventude, fase em que as amizades se afluam e se quer estar junto aos amigos, comemorando sempre. Uma fase em que os jovens querem fugir da realidade, descobrindo outro mundo e imaginam que podem resolver as coisas como num piscar de olhos, e imaginam, também, que possuem o mundo em suas mãos e podem resolver as coisas facilmente como num simples giro de compasso.

**Um menino caminha e caminhando chega no muro  
e ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está  
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar.**

O poema demonstra, ainda, que a vida é repleta de obstáculos, que nem sempre se pode fazer aquilo que se pensa ou quer, que, as vezes, é necessário mudar os pensamentos e convicções conforme a realidade impõe. Retrata a passagem da juventude para a fase adulta, onde os principais problemas da vida começam a surgir. Mas mostra, também, que os “muros” podem e devem ser ultrapassados para que, assim, se possa alcançar os objetivos que se encontram logo ali na frente, após os “muros” da vida. A transposição destes obstáculos exige planejamento a fim de que seja possível trilhar a vida rumo ao futuro, como o piloto que conduz sua astronave.



**Não tem tempo nem piedade nem tem hora de chegar  
Sem pedir licença muda nossa vida,  
depois convida a rir ou chorar.**

Apesar do planejamento para tentar controlar a vida, nem sempre as coisas saem como se deseja, pois o tempo não espera e nem pede licença para mudar o percurso da vida, simplesmente chega, implacável, e muda tudo. Retrata, aqui, mais uma mudança na vida, provavelmente, a última, a passagem da idade adulta para a velhice. Diante disso, o poema sugere que é preciso aproveitar o máximo da vida, pois, o final é imprevisível.

**Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá  
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar  
Vamos todos numa linda passarela  
de uma aquarela que um dia enfim  
Descolorirá.**

Há a afirmação de que a vida é como uma estrada, que não é possível saber se é longa ou curta nem saber o que virá pela frente, muito menos onde vai dar. O texto compara a vida a uma aquarela, na qual o percurso é uma “linda passarela” que vai se abrindo, conduzindo rumo ao futuro inesperado. Entretanto, um dia descolorirá, já que a morte, inevitavelmente, chegará aos os seres humanos.

**Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo (que descolorirá)  
e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo (que descolorirá)  
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo (e descolorirá).**

Finaliza, mostrando, na última estrofe, que tudo o que se faz ou realiza durante a vida “descolorirá”, isto é, acabará. A morte é uma certeza que chegará para todos, portanto, é preciso aproveitar o máximo todas as etapas da vida, cada uma a seu modo e no tempo adequado, pois o tempo é implacável e o amanhã é incerto.

Nestas últimas estrofes, além das forças da literatura apresentadas por Barthes, fica evidente, também, as atividades da experiência estética apregoadas por Jauss. Elas se apresentam de maneira simultânea, pois, ao mesmo tempo em que o leitor compreende o texto, ele sente através dos seus sentidos, o efeito que a poesia provoca sobre ele. A *aisthesis* está presente na maneira como ele vai sentir o texto. Além de compreender através dos sentidos, o leitor se sentirá coautor do texto – *poiesis*, pois irá se identificar com as fases da vida que a poesia retrata. A identificação inevitável é a *katharsis*, que pode acontecer em qualquer momento da leitura, e pode causar uma transformação no leitor.

Além desta interpretação, existem outras possíveis, pois o texto literário é plurissignificativo. Outra interpretação possível seria a representação da evolução da escrita, desde sua criação, a qual era feita por meio de rabiscos, passando pelos desenhos (pictogramas), até a escrita que conhecemos hoje. Além dessas, o poema pode retratar, também, a própria evolução da Humanidade, desde a época em que os homens utilizavam elementos bem rudimentares até o advento das novas tecnologias como as aeronaves citadas no poema. Pode-se perceber que existem várias possibilidades que podem ser interpretadas a partir da percepção que o leitor tem do texto.

No final da interpretação, seria interessante que toda a turma cantasse a música, mais uma vez, para sentir mais de perto o gosto e o prazer que a letra e a melodia poderão proporcionar. É importante que, desta vez, todos os alunos estejam com a letra da música na mão a fim de que possam acompanhar, cantar e sentir a poesia. Se os alunos não cantarem e não sentirem a letra, provavelmente, a atividade não cumprirá sua finalidade. É interessante, ainda, que o professor pergunte aos alunos de que maneira entenderam e/ou sentiram a música/poema e qual relação fizeram com suas vidas. Esse momento final serve para o professor confirmar a identificação dos alunos com o texto e manter a motivação da turma para a leitura dos próximos textos, além de fechar a atividade de forma lúdica e atrativa, tentando emocionar seus alunos e se emocionar também, para que esta proposta possa alcançar o melhor resultado possível.

Além dessas atividades, o professor pode realizar outras, desde que seja algo diferente do convencional, que seja lúdico e inovador. Sugerimos, para finalizar esta proposta, que o professor faça, com os alunos, a ilustração da música. Para isso, é preciso formar os grupos, novamente, e dividir as estrofes do poema entre as equipes, entregando a cada grupo a estrofe ou estrofes que irão ilustrar, além de uma cartolina branca para fazerem os desenhos. Em seguida pede que os grupos façam seus desenhos, livremente, de acordo com a interpretação que fizeram do texto, e pintem utilizando tinta guache, giz de cera e/ou lápis coloridos, preparando os cartazes para uma exposição final, que será realizada por cada grupo e poderá servir como um registro da interpretação, que fechará a proposta.

### 3.2.2 Proposta de Atividade para os Anos Finais do Ensino Fundamental

O corpus literário escolhido para a construção da atividade é o poema “Motivo”, de Cecília Meireles. A atividade é indicada para turmas do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e tem como objetivos incentivar a leitura de textos poéticos, analisar a estrutura dos poemas e fazer interpretações para buscar seus significados. A principal finalidade da proposta é contribuir para o alcance do letramento literário, de forma satisfatória. Esta atividade tem a duração prevista de 180 (cento e oitenta) minutos, que corresponde a 03 (três) aulas, mas que pode ser estendida para outras aulas, dependendo da necessidade e das características da turma.

A proposta metodológica de leitura, discussão, análise e interpretação do texto literário, que foi construída a partir deste poema, pode ser aplicada de forma bastante dinâmica e atrativa, visto que este poema também virou música, interpretada pelo cantor Raimundo Fagner e amplamente divulgada, o que também facilita sua abordagem em sala de aula, já que esta música pode ser utilizada pelo professor para motivar seus alunos e descontraír o ambiente da sala de aula.

Segue o poema:

#### Motivo

*(Cecília Meireles)*

Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,  
não sinto gozo nem tormento.  
Atravesso noites e dias  
no vento.

Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço,  
— não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
— mais nada.

**Roteiro de Atividade:****Público Alvo:** 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental**Duração:** 180 (cento e oitenta) minutos ou 03 (três) horários.**Texto Literário:** Poema “Motivo” de Cecília Meireles**Objetivos:**

- Incentivar a leitura de textos literários;
- Analisar a estrutura de um poema;
- Interpretar um poema buscando seus sentidos e a identificação com o texto;
- Auxiliar na promoção do letramento literário.

**Atividade de Motivação**

A sugestão, para iniciar a atividade de motivação, é que o professor introduza a atividade sugerindo um desafio aos alunos. Ele pode apresentar apenas o título “Motivo” e desafiar os alunos a descobrirem do que o poema trata, explicando que depois que eles expressarem suas opiniões sobre o título, e terminada a atividade de interpretação do texto, eles irão fazer uma comparação entre suas opiniões iniciais, a partir apenas do título, com sua impressão final, após a leitura, discussão e interpretação da poesia.

Terminado o desafio inicial, o professor continua motivando os alunos, antes de entregar o texto para a leitura. Assim como na atividade anterior, a proposta é que seja utilizada a música e o vídeo para facilitar o início do trabalho, motivando os leitores para a atividade de leitura. Por ter se tornado música, ela também pode ser encontrada em vários sites na internet, tanto em áudio como em forma de vídeo. A sugestão é que o professor utilize este vídeo disponível no Youtube.

Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=TMxpeEnJIZU>

Assim como na proposta anterior, o professor deve incentivar os alunos a sentirem a música, ouvindo com bastante atenção a fim de que possam perceber a letra e a melodia. O professor deve colocar a música para tocar pelo menos duas vezes, antes de exibir o vídeo, para que os alunos possam iniciar a familiarização com a letra do poema. Deve, também, motivar os alunos a cantarem juntos e incentivá-los a sentirem o prazer que a letra e a melodia podem proporcionar.

A intenção é fazer com que os alunos sintam-se mais relaxados e descontraídos para adentrarem o texto. Além disso, esta atividade de motivação vai ajudar os alunos a terem seus sentidos despertados para iniciarem o processo de compreensão do texto, pois uma atividade

com música e outros recursos inovadores que o professor achar interessante, pode contribuir para a desautomatização da linguagem, por parte do aluno, tornando-o mais receptível aos sentidos do texto literário.

### **Leitura Silenciosa**

Logo em seguida a motivação, o professor já pode distribuir cópias do texto para todos os alunos e solicitar que realizem uma leitura silenciosa e individual. Entregar junto com o texto um dicionário com as palavras desconhecidas ou que o professor acha necessário para auxiliar os alunos na leitura. Esta leitura deve ser orientada a ser feita várias vezes e de forma ininterrupta, mesmo que o aluno não entenda alguns trechos do poema. Assim como na atividade para os anos iniciais, aqui também é importante que todos os alunos tenham acesso ao texto completo e impresso, e tenham um bom tempo para realizar essa leitura.

Após a leitura silenciosa, o professor pode iniciar uma conversa com os alunos para iniciar a discussão do texto. O objetivo desta pequena conversa é perceber quais as primeiras impressões que obtiveram do texto, se necessitam de auxílio para esclarecimento de algum aspecto do texto que tenha ficado muito confuso, entre outros. Entretanto, esta conversa não pode se prolongar muito, sob o risco do professor “entregar” alguns sentidos do texto que precisam ser encontrados pelos alunos.

### **Discussão do Texto**

Em seguida a conversa, ao final da leitura silenciosa e individual, o professor passa para a etapa seguinte, que é a discussão do texto. Nesse momento, o professor deve procurar instigar os alunos a entrarem no jogo proposto pelo texto literário. Isso, para que eles participem da construção dos significados do poema, por meio de suas próprias impressões que abstraíram do texto e das opiniões dos colegas, orientados pelo professor, que continua a agir como mediador da leitura literária.

Nossa sugestão é que, assim como na proposta dos anos iniciais, esta atividade também seja realizada em grupo, com a constante orientação do professor, que será mais exigido, tendo em vista que o poema de Cecília Meireles é um pouco mais difícil de compreensão que o poema

de Vinícius de Moraes. Sendo assim, o professor precisa ficar atento e acompanhando os grupos para auxiliar no que for necessário.

Seguindo a proposta anterior, o professor solicita que os alunos formem grupos para discutir sobre a impressão que tiveram do texto, durante a leitura individual. Nesta proposta é importante que o professor oriente a discussão em equipe, acompanhando as discussões para garantir que a finalidade da proposta seja cumprida. Essa discussão pode auxiliar no processo de identificação do leitor com o texto, na medida em que os alunos podem comparar suas impressões com as dos colegas do grupo.

Nesta etapa, o professor poderá, também, fazer questionamentos específicos, aos grupos, a respeito dos sentidos do poema. Após a discussão, orientada pelo professor, por meio das reflexões no grupo, das conversas entre os alunos e com o próprio professor, é importante que seja enfatizado que as reflexões serão guardadas para serem comparadas na atividade de interpretação.

### **Leitura Oral**

Logo após a discussão, o professor pode iniciar a leitura oral, que nesta atividade deve ser feita, no mínimo, duas vezes, tendo em vista que esta poesia requer um pouco mais de atenção para ser compreendida. A primeira leitura deve ser realizada, por um aluno, ou por toda a turma, a segunda deve ser realizada pelo professor. Como a atividade é feita com um poema curto, não levará muito tempo com estas leituras. É muito importante a realização da segunda leitura oral, pelo professor, a fim de que sejam evidenciadas as devidas pausas, os ritmos, as entonações e outras características necessárias para a melhor compreensão.

A leitura oral do texto, embora não pareça, também é um momento de fundamental importância para auxiliar o aluno na interpretação e para o cumprimento da finalidade da proposta. Portanto, ela deve ser realizada de forma adequada a respeitar a musicalidade e outras características presentes na poesia, que precisam de uma leitura dinâmica e atrativa para serem vivenciadas pelos alunos, em sala de aula.

## **Análise da Estrutura**

A análise da forma do poema deve ser orientada pelo professor para ser feita de maneira individual ou em grupo. A análise da estrutura deve identificar a forma como o poema foi construído e a finalidade pela qual ele foi estruturado desta maneira. Além disso, procura-se identificar também o número de estrofes do poema, o número de versos por estrofe e as possíveis rimas. O professor precisa esclarecer, aos alunos, que esta análise é de fundamental importância para a interpretação do texto, uma vez que a forma como um poema é construído contribui na busca dos seus significados.

## **Interpretação do Texto**

A última etapa da proposta de atividade é a interpretação propriamente dita do texto, que será realizada oralmente, de maneira coletiva, com a mediação constante do professor. Este momento da atividade é crucial para o entendimento dos sentidos do texto literário e para a busca da identificação do leitor com o texto. Para alcançar esta identificação, o professor precisa, junto com os alunos, buscar as forças da literatura apregoadas por Roland Barthes: a *mimesis* – representação da realidade, a *mathesis* – diversos saberes, e a *semiosis* – plurissignificação do texto. Buscar, também, as atividades das premissas de Hans Robert Jauss: a *poiesis* – criação, a *aisthesis* – compreensão pelos sentidos, e a *katharsis* – identificação com o texto.

Durante essa etapa, o professor orienta o debate no sentido de conduzir os alunos a construírem possíveis sentidos ao texto, se utilizando das reflexões sobre as descobertas que fizeram no momento da discussão do texto, em grupo. Nesse momento, a orientação é que o professor leve os alunos a perceberem a possibilidade de fazer uma transposição dos sentidos do texto para a vida real. Para isso, o professor pode iniciar um trabalho de estimulação da participação dos alunos, fazendo algumas perguntas-chaves para que eles possam expressar suas percepções em relação ao poema em estudo. Os alunos poderão indicar suas dificuldades de compreensão, suas impressões em relação ao texto ou a partes dele, as possíveis ligações com sua experiência real e pessoal, podendo, também, construir sentidos ao que leram.

Embora os alunos possam criar sentidos ao texto, é preciso ressaltar que essa liberdade do leitor para expor com tranquilidade suas percepções, não significa aceitar qualquer hipótese de interpretação. O professor, como mediador, precisa orientar seus alunos para que não

aconteçam desvios grotescos de atribuição de sentido. Na mediação, o professor deve orientar a interpretação para que o leitor busque os sentidos mais adequados, sem que haja distorções, voltando frequentemente ao texto, se necessário, para confirmar ou não as hipóteses levantadas.

Com relação ao poema “Motivo” de Cecília Meireles, a mediação do professor é primordial, pois este texto tem uma linguagem bem subjetiva e carregada de imagens que podem apresentar significados diversos. Este poema é construído em primeira pessoa, que representa o “eu” lírico, descrevendo os sentimentos da humanidade. O título pode ser associado à motivação para escrever poesias.

**Eu canto porque o instante existe  
E a minha vida está completa  
Não sou alegre nem sou triste:  
Sou poeta.**

Logo na primeira estrofe, há uma condição descrita pelo eu lírico, para ser poeta, e as razões que o motivam a escrever. Destaca que o poeta é um ser humano que não é “alegre nem triste”, mas que canta seus momentos vivenciados a cada instante de sua vida. No primeiro verso, o “eu lírico” considera importante o momento presente “**Eu canto porque o instante existe**”, que indica a concepção da sua poesia. O “instante” não está relacionado somente ao tempo, mas também a uma situação particular da vida que o poeta gosta de viver e representar na sua poesia.

A antítese “alegre” – “triste”, presente no terceiro verso, sugere uma certa indiferença diante da vida, pois os termos “não” – “nem”, manifestam uma insensibilidade, reforçando o tom de melancolia que perpassa todo o poema. Finaliza esta estrofe ressaltando que se contenta com fato de ser poeta, pois canta o momento presente, e deixa a entender que vive este “instante” em sua plenitude “**E a minha vida está completa**”.

**Irmão das coisas fugidias,  
não sinto gozo nem tormento.  
Atravesso noites e dias  
no vento.**

Na segunda estrofe há uma representação, de forma leve e delicada, da passagem da vida e do tempo, da transitoriedade da vida humana e da fugacidade das coisas, que chega a suscitar uma certa melancolia. O “eu lírico” quer chamar a atenção do ser humano para o valor que damos às coisas passageiras, alertando para que não fiquemos presos a estas coisas, que passam rápido como o vento. Sugere que devemos ser como o poeta, que não sente gozo e nem



tormento, se considera um ser livre, assim como o vento. Finaliza afirmando que é um ser transitório, sugerindo que não se abala com a efemeridade da vida.

**Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço,  
— não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.**

Nesta estrofe é manifestado um conflito interior, o “eu lírico” apresenta uma dúvida, declarando que não sabe a decisão a ser tomada com relação à vida, se para ou se continua, apontando para uma dúvida que, provavelmente, se refere a sua existência nesta terra. Para reforçar esta dúvida, repete a expressão “**Não sei**”, acompanhada da antítese “fico” – “passo”, que mais uma vez sugere um questionamento diante da transitoriedade da vida humana. As outras antíteses “desmorono” – “edifico”, “permaneço” – “desfaço” reforçam essa dúvida, sugerindo que existe uma incerteza que provoca uma inquietação que o faz refletir sobre a concepção da poesia em relação ao laconismo da vida.

**Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
— mais nada.**

Na última estrofe há uma reafirmação do “eu lírico” em relação à importância do momento presente. Ele parece encontrar respostas para as suas incertezas, “**Sei que canto. E a canção é tudo**”, demonstrando a convicção de que sua vida está realmente completa e que tem a certeza de que a poesia é a razão da sua vida. Ao reafirmar a certeza de cantar e afirmar que a “canção é tudo” faz uma comparação com a poesia e o fazer poético.

Em contrapartida, acredita que nossa existência não pode ser eternizada, pois somos seres que temos um fim, demonstrando a certeza que um dia todos ficaremos mudos, morreremos. Apenas a música e a poesia serão eternas: “**Tem sangue eterno a asa ritmada**” sugere a construção e a elevação da poesia que pretende ser eterna. A expressão “**E um dia sei que estarei mudo**”, evita a palavra morte para não parecer tão desagradável a morte do poeta, que mesmo estando de passagem nesta vida deixará sua poesia.

Na interpretação sugerida é possível perceber a presença das forças da literatura de Roland Barthes, e das premissas de Hans Robert Jauss, perpassando, simultaneamente, todo o texto. A *mimesis* se apresenta na representação da realidade que acontece no decorrer de todo

o texto, a *mathesis* está presente na maneira como o poema representa a efemeridade da vida e como o ser humano a deixa passar, sem valorizar o que realmente é importante, ressaltando muitos saberes essenciais para nossa humanização. A *semiosis* também fica evidente durante todo o texto, tendo em vista que todas as estrofes são plurissignificativas.

Além das forças da literatura, estão evidentes também as premissas propagadas por Hans Robert Jauss. A *aisthesis* se revela na maneira como o leitor sente este texto, que utiliza seus sentidos para poder compreender os significados das palavras e expressões que constituem a significação global. A *poiesis* se apresenta ao mesmo tempo em que o leitor sente o texto, pois vai se sentir como coautor do texto, já que sua identificação com a forma como o poema retrata a efemeridade da vida é inevitável. A *katharsis* se manifesta nessa identificação do leitor com a transitoriedade da vida e tem a possibilidade de provocar uma transformação no leitor, levando-o a ver a vida de maneira diferente.

Vale ressaltar que esta é apenas uma interpretação possível. O professor tem que deixar claro para os alunos que existem outras possibilidades, e promover um ambiente, em sala de aula, favorável para a manifestação dos alunos, que podem sugerir outras possibilidades de interpretação a partir da percepção que tiveram na leitura e discussão do texto literário, que é plurissignificativo. Outra possibilidade de interpretação é a de que o poema fala sobre a construção do próprio texto.

Seria interessante, também, para finalizar esta atividade, que se realizasse a mesma estratégia da atividade proposta para os anos iniciais, na qual toda a turma cante a música para sentir mais de perto o gosto e o prazer que a letra e a melodia poderão proporcionar. Como já dissemos antes, esse momento final servirá para o professor manter a motivação da turma para a leitura de outros textos que serão trabalhados e também para fazer o fechamento da atividade de forma mais atrativa, a fim de tentar alcançar o melhor resultado possível, com esta proposta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta, aqui sugerida, não pode ser considerada como uma solução para todos os problemas, no trabalho com a leitura literária, mas uma sugestão, que não pode ser tomada como algo fixo, pronto e acabado para ser utilizado com qualquer tipo de texto. Entretanto, pode ser adaptada a outros gêneros literários e às especificidades das turmas. A proposta apresentada deixa evidente que o trabalho com textos literários, na escola, não pode ocorrer de qualquer forma, de maneira totalmente despreparada, com textos escolhidos aleatoriamente. Existem metodologias mais adequadas para a prática da leitura literária, na sala de aula, que favorecem o trabalho do professor, facilitam o gosto pela leitura de textos literários e instiga os alunos a buscarem os benefícios da literatura.

O trabalho do professor não se restringe à sala de aula, visto que a leitura literária, na escola, necessita de um bom planejamento, que envolve, desde a escolha do texto que será utilizado em sala, até a etapa da interpretação, pois para envolver os alunos e despertar o gosto pela literatura, é preciso fazer com que eles participem das atividades propostas. Sendo assim, o professor deve perceber quais aspectos são mais relevantes nos textos e não os trabalhar como pretexto para o ensino de conteúdos gramaticais, já que o trabalho com o texto literário objetiva sensibilizar e desenvolver o senso-crítico, estimular a imaginação e, sobretudo, despertar o gosto pela literatura.

Portanto, é necessário que haja uma sensibilidade por parte do professor, a fim de proporcionar aos alunos, os benefícios oferecidos pelo texto literário, através da sua utilização, em sala de aula, de maneira prazerosa, envolvendo brincadeiras, encenações, declamações etc. Utilizado dessa maneira, o texto literário tem muito a contribuir para o autoconhecimento do aluno, em virtude das grandes possibilidades de interpretação e criação de sentidos que sua leitura oferece aos leitores.

Este trabalho procurou colaborar com a superação das dificuldades dos professores que trabalham com Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, mas que não dispõem de metodologias adequadas que o auxiliem na prática da leitura literária, na sala de aula. Vale ressaltar que são apenas sugestões que o professor pode utilizar em sala de aula, na íntegra ou com adaptações, de acordo com o interesse da turma e com os objetivos do professor, que deve ter a plena consciência de que para o efetivo letramento literário é necessário refletir e construir metodologias para se trabalhar o texto literário em sala de aula, que busquem a superação dos problemas da escolarização inadequada da literatura, uma vez que a meta principal das aulas de literatura deveria ser contribuir na formação de alunos efetivamente reflexivos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVERBUCK, Lígia Marrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- BARTHES, Roland. *Aula*. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- \_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. 4.ed. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Elos, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 2. ed., Brasiliense, 1986.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, V. T. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor. In: TURCHI, M. Z.; SILVA, V. M. T. (Org.). *Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 79 - 91.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 1995.
- \_\_\_\_\_. A Literatura e a formação do homem. In: *Textos de Intervenção*. Coleção Espírito Crítico, Ed. 34, São Paulo, 2002. p. 77-92.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. 8. Ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: Teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1983.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. *A literatura nas séries iniciais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- GEBARA, Ana Elvira Luciano. *A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças*. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o ensino de poesia*. Disponível em: <<http://www.escrevendo.cenpec.org.br/ecf>>. Acesso em: 09 de maio. 2014.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In Chartier, Roger. (org). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1996.

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert, *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. O texto poético na mudança de horizonte da leitura. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 305 – 357.

\_\_\_\_\_. O prazer estético e as explicações fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: JAUSS, Hans Robert. Et. Al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Coordenação e tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 67-84.

JOSÉ, Elias. *A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas*. São Paulo: Paulus, 2003.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria & prática*. 10. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LACERDA, Andréa Maria de Araújo. *Uma bruxinha no livro didático*. Disponível em: <[http://www.revistaaopedaletra.net/volumes/vol%205.2/Andrea\\_Lacerda\\_Uma\\_bruixinha\\_no\\_livro\\_didatico.pdf](http://www.revistaaopedaletra.net/volumes/vol%205.2/Andrea_Lacerda_Uma_bruixinha_no_livro_didatico.pdf)>. Acesso em: 12 maio. 2014.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 107-131.

\_\_\_\_\_. *Usos e abusos da literatura na escola*. São Paulo: Globo, 1982.

\_\_\_\_\_. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MEIRELES, Cecília. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

MICHELETTI, Guaraciaba (Coord.). *Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MORAES, Vinícius de. *Antologia poética*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1997.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PINHEIRO, Helder. *Poesia na sala de aula*. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

REZENDE, Neide Luzia de. O ideal de formação pela literatura em conflito com as práticas de leitura contemporâneas. In: SANTINI, J. (Org.). *Literatura, crítica, leitura*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

SERRA, Joan; OLLER, Carles. Estratégias de leitura e compreensão do texto no ensino fundamental e médio. In: TEBEROSKY, A. et al. *Compreensão de leitura: a língua como procedimento*. Porto Alegre: ARTMED, 2003, p. 35-43.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura no contexto escolar. In: *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991, p. 46-56.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

\_\_\_\_\_. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC: São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

<http://www.lettras.com.br/#!toquinho-e-vinicius-de-moraes/aquarela>

<https://www.youtube.com/watch?v=iOh0mnuUdvc>

<https://www.youtube.com/watch?v=TMxpeEnJlZU>